

Cerrado. O pai das águas do Brasil e a cumeeira da América do Sul

José Felipe Ribeiro

Cerrado: o grande potencial agrícola do Brasil?

Altair Sales Barbosa

Cerrado: “Dor Fantasma” da biodiversidade brasileira

Marilda Ribeiro e Barros

Flora do Cerrado: caminho de descobertas

E mais:

>> **Serge Latouche**

Precisamos ultrapassar a economia e sair dela

>> **Jacqueline Lima Dourado:**

Estereótipos preconceituosos: telenovelas estabelecem um modelo de tolerância de olho no mercado homossexual

Cerrado. O pai das águas do Brasil e a cumeeira da América do Sul

Considerado o celeiro do mundo e o berço das águas do Brasil, o Cerrado brasileiro desfruta de uma biodiversidade ainda pouco conhecida por muitos brasileiros e brasileiras.

A **IHU On-Line** desta semana dá continuidade à série referente aos diferentes biomas brasileiros. A revista já abordou os biomas Floresta Amazônica, o Pampa, o Pantanal e a Floresta de Araucária.

Buscando conhecer um pouco mais a cumeeira da América do Sul e o pai das águas do Brasil, vários pesquisadores e pesquisadoras contribuem nesta edição.

Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, **José Felipe Ribeiro** explica didaticamente no que consiste o Cerrado, analisando por que é um mito a ideia de que no bioma Cerrado há apenas seca.

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima, pesquisador em Hidrologia da Embrapa Cerrados, afirma que esse bioma contribui para oito das 12 regiões hidrográficas brasileiras, além de ratificar que a água do Cerrado não é importante apenas para a manutenção do bioma, mas também para todas essas regiões.

Para o professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC Goiás, **Altair Sales Barbosa**, enquanto o desejo de explorar o Cerrado tiver raízes estrangeiras, a possibilidade de criação de um programa racional de desenvolvimento será nula.

Já para a coordenadora do Laboratório de Sementes do Instituto do Trópico Subúmido – ITS da PUC Goiás, **Marilda da Conceição Ribeiro e Barros**, a flora do Cerrado é reconhecida por vários pesquisadores nacionais e internacionais como um grande celeiro na oferta de bioprodutos com aplicações em quase todos os setores da economia de modo direto e indireto.

Enquanto isso, o engenheiro florestal **César Victor do Espírito Santo** alerta que nas últimas quatro décadas houve um advento da expansão da fronteira agrícola no Brasil e que o Cerrado passou a ser um local de grande importância no cenário nacional e mundial em termos de produção agrícola e pecuária.

O debate conta também com a contribuição do “desbravador da soja no Cerrado”, **Romeu Afonso de Souza Kiihl**, que frisa que o Brasil central, hoje, é responsável por mais da metade da soja que produzimos no país.

O economista, sociólogo, antropólogo e professor emérito de Ciências Econômicas na Universidade de Paris-Sul, **Serge Latouche**, esteve na Unisinos e conversou com a **IHU On-Line**.

Jacqueline Lima Dourado, doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, professora do curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí – PPGCOM/UFPI e membro do Grupo Cepos, colabora nesta edição com o artigo Estereótipos preconceituosos: telenovelas estabelecem um modelo de tolerância de olho no mercado homossexual.

Nélio Ott Junior, profissional que compõe a equipe de transportes da Unisinos, narra a sua trajetória de vida pessoal e profissional.

Na próxima semana estará no ar o novo sítio do IHU. Irá agradar? Trabalhamos para isso e esperamos que ele favoreça a leitura e a interatividade.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamiris Magalhães MTB 0669451 (thamirism@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Natália Scholz, Rafaela Kley e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 1173.

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | José Felipe Ribeiro: Cerrado: o grande potencial agrícola do Brasil?

PÁGINA 09 | Jorge Enoch Furquim Werneck Lima: O berço das águas no Brasil

PÁGINA 11 | Altair Sales Barbosa: Cerrado: “dor fantasma” da biodiversidade brasileira

PÁGINA 16 | Marilda da Conceição Ribeiro e Barros: Flora do Cerrado: caminho de descobertas

PÁGINA 19 | César Victor do Espírito Santo: O envolvimento da sociedade em prol do Cerrado

PÁGINA 21 | Romeu Afonso de Souza Kiihl: Soja do Cerrado: mercado promissor de exportação do Brasil?

B. Destaques da semana

» Entrevistas da Semana

PÁGINA 24 | Serge Latouche: Precisamos ultrapassar a economia e sair dela

PÁGINA 28 | João Cezar de Castro Rocha: René Girard e o desejo mimético: as raízes da violência humana

» Coluna do Cepos

PÁGINA 36 | Jacqueline Lima Dourado: Estereótipos preconceituosos: telenovelas estabelecem um modelo de tolerância de olho no mercado homossexual

» Destaques On-Line

PÁGINA 38 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 43 | Nélcio Ott Junior



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

Cerrado



O Cerrado é um bioma do tipo biócoro savana que ocorre no Brasil, constituindo-se num dos seis grandes biomas brasileiros. As “savanas brasileiras” – o Cerrado e a Caatinga – são uma forma de vegetação que tem diversas variações fisionômicas ao longo das grandes áreas que ocupam do território do país. É uma área zonal, como as savanas da África, e corresponde grosso modo ao Planalto Central.

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, estendendo-se por uma área de 2.045.064 km², abrangendo oito estados do Brasil Central: Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí e o Distrito Federal. Cortado por três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul, tem índices pluviométricos regulares que lhe propiciam sua grande biodiversidade.

A paisagem do Cerrado possui alta biodiversidade, embora menor que a mata atlântica e a floresta amazônica. Pouco afetado até a década de 1960, está desde então crescentemente ameaçado, principalmente os cerradões, seja pela instalação de cidades e rodovias, seja pelo crescimento das monoculturas, como soja e o arroz, a pecuária intensiva, a carvoaria e o desmatamento causado pela atividade madeireira e por frequentes queimadas, devido às altas tempe-

raturas e baixa umidade, quanto ao infortúnio do descuido humano.

Nas regiões onde o cerrado predomina, o clima é quente e há períodos de chuva e de seca, com incêndios espontâneos esporádicos, com alguns anos de intervalo entre eles, ocorrendo no período da seca.

A vegetação, em sua maior parte, é semelhante à de savana, com gramíneas, arbustos e árvores esparsas. As árvores têm caules retorcidos e raízes longas, que permitem a absorção da água - disponível nos solos do cerrado abaixo de 2 metros de profundidade, mesmo durante a estação seca do inverno.

Dependendo de sua concentração e das condições de vida do lugar, pode apresentar mudanças diferenciadas denominadas de cerradão, campestre e cerrado (latu sensu), intercalado por formações de florestas, várzeas, campos rupestres e outros. Nas matas de galeria aparecem por vezes as veredas.

Grande parte do Cerrado já foi destruída, em especial para a instalação de cidades e plantações, o que o torna um bioma muito mais ameaçado do que a Amazônia.

Fonte: Wikipédia

Cerrado: o grande potencial agrícola do Brasil?

“Hoje, da porcentagem que naturalmente o Cerrado abrangia, percebemos que, pela ocupação humana, a natureza perdeu cerca de 40 a quase 50% de seu território”, constata José Felipe Ribeiro

POR THAMIRIS MAGALHÃES E GRAZIELA WOLFART

“**E**xiste um mito de que o Cerrado é seco. E não é verdade. O que acontece concretamente é que nós temos seis meses de época seca chuvosa. Durante esse período praticamente não cai qualquer chuva e a umidade relativa é extremamente baixa. Então, esse mito de que o Cerrado é seco acontece porque normalmente as pessoas que vêm para a região em junho acabam sofrendo com esta secura do ar. No entanto, na época chuvosa temos praticamente 1.500 mm (1,5 metros) o que é muito, só que é tudo em um período de seis meses (a época chuvosa). Depois, de maio a setembro, a chuva é praticamente zero no bioma”. A explicação é do biólogo José Felipe Ribeiro, em entrevista concedida por telefone para a **IHU On-Line**. De forma bem didática, ele descreve o bioma Cerrado em detalhes. E afirma: “por conta da distribuição de chuvas, boa pluviosidade, terrenos praticamente planos, favoráveis para a mecanização, o Cerrado tem contribuído hoje como o local onde praticamente boa parte da agricultura e pecuária nacionais está se desenvolvendo”.

José Felipe Ribeiro possui graduação em Biologia, pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Ecologia, pela Universidade de Brasília, e doutorado em Ecologia, pela University of California - DAVIS. É pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária atuando no momento na Embrapa Cerrados e é professor credenciado no programa de Botânica da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Biodiversidade, atuando principalmente nos seguintes temas: biodiversidade, fitossociologia, florística, propagação e recuperação de ambientes ripários e de Cerrado. Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que consiste o bioma Cerrado? Quais áreas ele abrange?

José Felipe Ribeiro - O Cerrado está localizado essencialmente no Planalto Central do Brasil e é o segundo maior bioma do país em área, apenas superado pela Floresta Amazônica. Trata-se de um complexo vegetacional que possui relações ecológicas e fisionômicas com outras savanas da América tropical e de outras regiões como África, sudeste da Ásia e Austrália. O Cerrado ocupa mais de 2.000.000 km², o que representa quase 25% do território brasileiro. Ocorre em altitudes que variam de cerca de 300 metros, a exemplo da Baixada Cuiabana (MT), a mais de 1.600 metros, na Chapada dos Veadeiros (GO). No bioma, predominam os Latossolos¹, tanto em áreas

sedimentares como em terrenos cristalinos, ocorrendo ainda solos concrecionários em grandes extensões.

O Cerrado abrange como área contínua os estados de Goiás, Tocantins e o Distrito Federal, parte dos estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rondônia e São Paulo, ocorrendo também em áreas disjuntas ao norte nos estados do Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, e ao sul, em pequenas “ilhas” no Paraná. No território brasileiro, portanto, as disjunções acontecem na Floresta Amazônica, região em que a vegetação tem sido tratada por

de 200cm da superfície do solo ou dentro de 300cm, se o horizonte A apresentar mais que 150cm de espessura. Os latossolos apresentam a maior representação geográfica no Brasil em relação aos demais tipos de solos. Em termos globais, estendem-se por cerca de 750 milhões de hectares, sendo que 300 milhões de hectares estão em território brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

outros termos ou expressões, como “savanas amazônicas”; na Floresta Atlântica, especialmente na região sudeste, nos estados de São Paulo e Minas Gerais; na Caatinga, como manchas isoladas no Maranhão, Piauí, Ceará e Bahia; e também no Pantanal, onde se mescla fisionomicamente com esse bioma. Fora do Brasil ocupa áreas na Bolívia e no Paraguai, enquanto paisagens semelhantes são encontradas no norte da América do Sul, como na Venezuela e na Guiana. Com o desenvolvimento da ocupação humana, ele vem sendo ocupado pela agricultura e pelas populações urbanas.

Cerrado além das savanas

É bom deixar claro que o Cerrado é muito mais que savanas, com árvores tortas, como as pessoas normalmente enxergam. Existe uma série de florestas secas no bioma, que possui

uma vegetação que não fica na área do rio e sim entre os rios. Depois disso, tem o outro extremo, que são os campos, áreas com solo raso ou as várzeas que acontecem na forma de vegetação campestre. Então, a paisagem do Cerrado tem floresta, savana e os campos. Hoje, da porcentagem que naturalmente o Cerrado abrangia, percebemos que, pela ocupação humana, a natureza perdeu cerca de 40 a quase 50% de seu território.

IHU On-Line - Como pode ser caracterizado o clima no bioma?

José Felipe Ribeiro - O Cerrado caracteriza-se pela presença de invernos secos e verões chuvosos, um clima classificado tecnicamente como *Aw de Köppen* (tropical chuvoso). Possui média anual de precipitação da ordem de 1.500 mm, variando de 750 quando mais próximo da Caatinga a 2.000 mm, nas cercanias do bioma Amazônico. As chuvas são praticamente concentradas de outubro a março (estação chuvosa), e a temperatura média do mês mais frio é superior a 18°C. O contraste entre as superfícies mais baixas (inferiores a 300 metros), as longas chapadas entre 900 e 1.600 metros e a extensa distribuição em latitude, conferem ao Cerrado uma diversificação térmica bastante grande. Por outro lado, o mecanismo atmosférico geral determina uma marcha estacional de precipitação semelhante em toda a região, criando nela uma tendência de uniformidade pluviométrica: há uma estação seca e outra chuvosa bem definidas.

Mito

Existe um mito de que o Cerrado é seco. E não é verdade. O que acontece concretamente é que nós temos seis meses de época seca chuvosa. Durante esse período praticamente não cai qualquer chuva e a umidade relativa é extremamente baixa. Então, esse mito de que o Cerrado é seco acontece porque normalmente as pessoas que vêm para a região em junho acabam sofrendo com esta secura do ar, apresentando até sangramentos nasais, por exemplo. No entanto, na época chuvosa temos praticamente 1.500 mm (1,5

“É bom deixar claro que o Cerrado é muito mais que savanas, com árvores tortas, como as pessoas normalmente enxergam”

metros) o que é muito, só que é tudo em um período de seis meses (a época chuvosa). Depois, de maio a setembro, a chuva é praticamente zero no bioma.

IHU On-Line - Que contribuições o Cerrado oferece para a agropecuária?

José Felipe Ribeiro - Várias. Por conta da distribuição de chuvas, boa pluviosidade, terrenos praticamente planos, favoráveis para a mecanização, o Cerrado tem contribuído hoje como o local onde praticamente boa parte da agricultura e pecuária nacionais está se desenvolvendo. Destacam-se os grãos e, devido a eles, o Cerrado é frequentemente chamado de “celeiro do mundo” por algumas empresas. Mas isso, claro, tem um preço. Quando falamos em ambiente natural, temos uma troca, em que onde se planta não se pode manter vegetação nativa. Esse comportamento de ocupação humana tem causado o desaparecimento de enormes faixas do Cerrado, em função das atividades agrícolas e pecuárias. O grande desafio que temos na agricultura e na urbanização desse ambiente é entender até que ponto se pode plantar e conservar ao mesmo tempo, mas não no mesmo lugar.

IHU On-Line - O desenvolvimento econômico está mudando o bioma?

José Felipe Ribeiro - O fato de o Cerrado ter a percepção de ser o grande potencial agrícola do Brasil está mudando a paisagem. O desenvolvimento econômico tem uma matriz baseada principalmente no recurso financeiro, mas temos que perceber como a ciência pode ajudar na economia verde, onde se deve entender como se agrupa

e se associa o desenvolvimento econômico com o social e ambiental. Nesse aspecto, o Brasil pode ocupar posição de destaque, por ainda ter muita área preservada. A partir dos recursos naturais disponíveis, temos que traçar estratégias de como ocupar a terra da melhor maneira possível. Existe um ganho econômico e, ao mesmo tempo em áreas próximas, podem ser conservados vários recursos naturais imprescindíveis ao desenvolvimento econômico, como a água. Se não se conservam a água e o solo por um mau manejo do uso da terra, perdendo-os por erosão, por exemplo, tem-se o desenvolvimento econômico do Cerrado comprometido.

IHU On-Line - Podemos dizer que todo o Cerrado está modificado pela degradação ambiental ou ainda há alguma parte intacta?

José Felipe Ribeiro - Temos praticamente em torno de 50 a 55% do Cerrado ainda remanescente. Esse número era de 60% até 2002, mas, a partir daí, a ocupação aumentou bastante. Esses são dados do Ministério do Meio Ambiente, de um trabalho em conjunto com a Embrapa. Estão desaparecendo alguns tipos de paisagens que competem com a agricultura. O pior é que muitas vezes o que fica remanescente é aquela vegetação que naturalmente acontece em solos mais rasos em que a agricultura não é possível de ser feita por máquina, e aí não estaríamos conservando o que é típico do bioma. Essa é uma situação concreta, na qual a biodiversidade representativa de algumas paisagens do Cerrado está sendo perdida.

IHU On-Line - Que tipos de biodiversidades o bioma oferece?

José Felipe Ribeiro - Podemos falar em dois tipos de biodiversidade: a que agrega as matas ciliares, de galeria, secas, o cerradão, savana, o cerrado típico, as veredas e até os campos, que é a biodiversidade de paisagem, e que associa a diversidade vegetal e animal. Depois, temos as espécies: são mais de 12 mil espécies de plantas nesses ambientes, onde algumas delas ainda estão se desenvolvendo

em lugares em que a agricultura está acontecendo. Só no Cerrado o Brasil contribui para a biodiversidade mundial com 12 mil espécies vegetais. Isso é um número incrivelmente amplo. O nosso país é uma nação de megabiodiversidade por causa dessas espécies que têm na Amazônia, na Mata Atlântica e no Cerrado.

IHU On-Line - De que maneira o Cerrado contribui com a diversidade vegetal?

José Felipe Ribeiro - Se formos observar, em termos de América do Sul, geograficamente o Cerrado é uma ligação entre a Amazônia e a Mata Atlântica e entre a Caatinga e o Pantanal. Assim, ele apresenta uma distribuição de espécies que ajudam no fluxo gênico de sementes entre todos os grandes biomas nacionais. Por isso ele é muito importante para essa diversidade natural de todos os biomas presentes em nosso país.

IHU On-Line - Como pode ser definida a atual situação dos recursos hídricos no bioma?

José Felipe Ribeiro - O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro em extensão, com cerca de 204 milhões de hectares (Embrapa Cerrados, 2004). Sua maior parte está localizada no Planalto Central que, conforme sua denominação, compreende regiões de elevadas altitudes, na porção central do país. Assim, o espaço geográfico ocupado pelo bioma desempenha papel fundamental no processo de captação e de distribuição dos recursos hídricos pelo país, sendo o local de origem das grandes bacias hidrográficas brasileiras e do continente sul-americano.

Agricultura

Além da importância em termos hidrológicos, esse ecossistema possui enorme destaque nos cenários agrí-

colas nacional e mundial. Com pouco mais de 30 anos de ocupação agrícola, o Cerrado já conta com 50 milhões de hectares de pastagens cultivadas; 13,5 milhões de hectares de culturas anuais e 2 milhões de hectares de culturas perenes e florestais. Apenas para citar algumas evidências da sua importância agrícola e econômica, na safra brasileira de 2002/2003, os percentuais da produção nacional, gerados em áreas de Cerrado, referentes às culturas de soja, algodão, milho, arroz e feijão foram de 58%, 76%, 27%, 18% e 17%, respectivamente. A região ainda responde por 41% dos 163 milhões de bovinos do rebanho brasileiro, sendo responsável por 55% da produção nacional de carne. A expansão agrícola do Cerrado continua. Culturas como a do girassol, a da cevada, a do trigo, a da seringueira e a dos hortifrutigranjeiros, bem como a prática da avicultura, desenvolvem-se rapidamente na região.

Agronegócio

Muito se tem falado sobre a importância do Cerrado para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro e sobre a sua condição de maior fronteira agrícola mundial. Entretanto, são poucas as oportunidades em que são considerados os aspectos ambientais e os impactos que esse desenvolvimento pode vir a gerar. Os benefícios advindos da ocupação agrícola do Cerrado são evidentes e incontestáveis, mas para que ele aconteça sob bases sustentáveis, gerando o máximo de benefícios com o mínimo de impactos, há informações que são fundamentais, porém, pouco conhecidas.

Sustentabilidade

Na verdade, nós cientistas agrícolas e ambientais devemos nos preocupar em entender qual o papel que o Cerrado pode ter em termos de Brasil e de mundo. Creio que não existem mais dúvidas

de que esse bioma tem, hoje, um papel fundamental para a economia do país, principalmente pela produção de grãos e outras commodities. No entanto, devemos entender como melhorar a agricultura que podemos realizar nessa região. Temos que ter clara a ideia de que as commodities agrícolas irão ser bem sucedidas se nós pudermos manejá-las compatibilizando com a conservação de algumas áreas dentro desse bioma. Essa atitude de conservação irá proporcionar uma agrobiodiversidade não só de espécies vegetais, mas também da fauna, e que inclui nós, da espécie humana. Na verdade, estamos falando ainda da conservação do solo e da água. Dependemos, como espécie, dessa água e desse solo para a agricultura, como qualquer outra espécie da natureza também depende. O ser humano deveria entender melhor essas regras do jogo infinito da natureza. Se nós não compatibilizarmos essas forças, iremos acabar perdendo esse jogo.

BAÚ DA IHU ON-LINE

Confira outras edições da revista IHU On-Line cujo tema de capa aborda outros biomas nacionais e assuntos relacionados.

- * Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa. Edição 183, de 05-06-2006, disponível em: <http://migre.me/6eq0e>;
- * Pampa. Silencioso e desconhecido. Edição 190, de 07-08-2006, disponível em: <http://migre.me/6eq2z>;
- * O Pampa e o monocultivo do eucalipto. Edição 247, de 10-12-2007, disponível em: <http://migre.me/6epJa>;
- * Amazônia. Verdades e mitos. Edição 211, de 12-03-2007, disponível em: <http://migre.me/6eq5F>;
- * O Pantanal em alerta. Edição 345, de 27-09-2010, disponível em: <http://migre.me/6eq9u>;
- * A vingança de Gaia. Mudanças climáticas e a vulnerabilidade do Planeta. Edição 171, de 13-03-2006, disponível em: <http://migre.me/6eqgb>;
- * Biodiversidade. Abundância e riqueza a serem descobertas. Edição 324, de 12-04-2010, disponível em: <http://migre.me/6eqkr>;
- * Água e saneamento básico: um direito a ser conquistado. Edição 321, de 15-03-2010, disponível em: <http://migre.me/6eqra>.

Leia a Entrevista do Dia em
www.ihu.unisinos.br

O berço das águas no Brasil

“O Cerrado contribui para oito das 12 regiões hidrográficas brasileiras. E esse dado é importante para analisarmos a importância desse bioma em termos hidrológicos para o país”, informa Jorge Enoch Furquim Werneck Lima

POR THAMIRIS MAGALHÃES E GRAZIELA WOLFART

“**A** água do Cerrado não é importante só para a manutenção do bioma e para o desenvolvimento das atividades econômicas. É relevante também para todas essas regiões que estão abaixo, como a Caatinga, no caso da bacia do rio São Francisco, do Pantanal, da região da Mata Atlântica e para as populações que vivem na bacia do rio Paraná, que acabam recebendo essas águas. Energia elétrica, navegação, indústria, a própria população, que toma a água desses rios que têm suas nascentes no Cerrado: o bioma acaba sendo fundamental para tudo isso”. A análise é do engenheiro agrícola e pesquisador da Embrapa Cerrados, Jorge Enoch Furquim Werneck Lima, na entrevista a seguir, concedida por telefone para a **IHU On-Line**.

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima é pesquisador em Hidrologia da Embrapa Cerrados. Possui graduação em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa, mestrado em Ciências Agrárias pela Universidade de Brasília e doutorado em Tecnologia Ambiental e Recursos Hídricos pelo Departamento de Engenharia Civil e Ambiental da Universidade de Brasília. Jorge representa a Embrapa no Conselho de Recursos Hídricos do Distrito Federal, no Conselho Diretor da Rede de Cooperação em Ciência e Tecnologia para a Conservação e o uso Sustentável do Cerrado - Rede ComCerrado/MCT, nos comitês das bacias dos rios Preto, Maranhão e Paranoá, no Distrito Federal, bem como no Conselho Gestor da APA do Planalto Central. Representa a Associação Brasileira de Recursos Hídricos - ABRH na Comissão de Coordenação das Atividades de Meteorologia, Climatologia e Hidrologia no Brasil - CMCH/MCT desde 2008. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como pode ser definida a atual situação dos recursos hídricos no Cerrado?

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima - De uma forma geral, os recursos hídricos têm uma situação boa. O que acontece é que, em determinadas regiões, principalmente onde se têm grandes cidades ou locais que não possuem adequado sistema de saneamento, as águas que passam perto desses lugares geralmente têm problema de contaminação, ficando com a qualidade comprometida. E, em regiões onde há concentração de áreas agrícolas, principalmente de agricultura irrigada, as pessoas podem ter problema de falta de água. Isso porque se há uma grande concentração de sistemas de irrigação em uma bacia onde a quantidade de água disponível não é suficiente em determinados momentos, no período de seca, por exemplo, fica difícil suprir

toda a demanda.

IHU On-Line - Qual o papel e a importância das águas do Cerrado para o desenvolvimento do Brasil?

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima - Pelo fato de o Cerrado estar localizado no meio da região do Planalto Central, que é a parte alta, o bioma acaba funcionando como um “guarda-chuva” para o território, além de ser um grande reservatório. Por isso é conhecido como “pai das águas do Brasil”, ou o “berço das águas”. Pelas características de seu solo, ele tem uma capacidade boa de infiltração da água da chuva e armazenamento dessa água, que é liberada. No Cerrado, têm-se duas estações muito bem definidas: uma chuvosa e outra seca, com pouquíssima chuva. Então, graças a essa capacidade do solo de infiltrar e armazenar a água e de liberá-la de forma mais lenta, o bioma

acaba funcionando como um grande reservatório e consegue abastecer nossos rios, inclusive no período seco. Por estar na região alta e central, o Cerrado tem um papel fundamental também na distribuição dessa água pelo território brasileiro e sul-americano, principalmente se pensarmos na Bacia do Rio da Prata. Todos os usos que são feitos nas bacias que recebem água do Cerrado acabam sendo dependentes. E as pessoas que moram nessas regiões acabam ficando dependentes também. Se pensarmos em bacias como a do São Francisco, como o próprio Pantanal, a bacia do rio Paraná e Tocantins, veremos que todas as pessoas que estão nelas acabam recebendo água do Cerrado. E todas as atividades econômicas que são desenvolvidas nessas bacias acabam tendo vinculação com as águas que são produzidas dentro do território do bioma. Isso vale para quase todo o Brasil.

A água do Cerrado não é importante só para a manutenção do bioma e para o desenvolvimento das atividades econômicas. É relevante também para todas essas regiões que estão abaixo, como a Caatinga, no caso da bacia do rio São Francisco, do Pantanal, da região da Mata Atlântica, e para as populações que vivem na bacia do rio Paraná, que acabam recebendo essas águas. Energia elétrica, navegação, indústria, a própria população, que toma a água desses rios que têm suas nascentes no Cerrado: o bioma acaba sendo fundamental para tudo isso.

IHU On-Line - Quantas são as regiões hidrográficas brasileiras e quantas recebem contribuição hídrica do Cerrado?

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima - O cerrado contribui para oito das 12 regiões hidrográficas brasileiras. Esse dado é importante para analisarmos a importância desse bioma em termos hidrológicos para o país. Temos outros dados interessantes: cerca de 70% da água que sai na foz da bacia do Tocantins-Araguaia, por exemplo, vem do Cerrado; cerca de 90% da água que sai na foz do rio São Francisco vem do bioma; cerca de 50% da água que sai na foz do rio Paraná, no território brasileiro, da água que chega a Itaipu, por exemplo, vem do Cerrado. Ele manda mais água para o Pantanal do que este joga de água no rio Paraguai. Além disso, tem uma contribuição relevante também na bacia do rio Parnaíba. Pelo fato de o restante da bacia ser de zona semiárida, o Cerrado tem uma importância bastante relevante para ela também. Então, a contribuição hídrica desse bioma é bastante expressiva.

IHU On-Line - Qual a contribuição que o Cerrado oferece às usinas hidrelétricas brasileiras?

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima - No caso de Itaipu, por exemplo, o Cerrado contribui com cerca de 50% da água que passa pela usina, que é imensa. Mas além desta, tem todas as outras usinas que estão na calha. Como o bioma está na região mais alta da bacia, 100% da energia gerada em Três Marias - MG é com água do Cerrado. 90% da água que passa em Xingó

vem do Cerrado. Além dessas, 70% da água que passa na Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no rio Tocantins, sai do bioma Cerrado.

IHU On-Line - Diz-se muitas vezes que no Cerrado há apenas seca. Seu trabalho, no entanto, mostra que a água do bioma é responsável por abastecer grande parte do território brasileiro. Quais os fatores que levam as pessoas a terem esse tipo de visão?

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima - O fato de o Cerrado ficar quatro ou cinco meses com pouquíssima chuva e, muitos meses, sem chuva alguma acaba dando essa impressão. Também pelo fato de as árvores do Cerrado serem tortas e o tipo de vegetação acaba dando uma impressão de que todas as vezes que alguém pensa no Cerrado, pensa na árvore torta, solta. Mas durante boa parte do ano o Cerrado é bastante verde. No bioma, temos regiões de mata, mas também temos regiões que são apenas de gramíneas, por exemplo, que é o campo limpo e o cerradão. Este último parece uma mata enquanto nossos campos de gramíneas são campos limpos. Ademais, o Cerrado tem divisa com quase todos os biomas; só não tem com o Pampa¹, que é mais ao sul. Mas tem com a Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal² e Amazônia³. E isso faz com que o Cerrado tenha uma biodiversidade muito grande e tenha uma variabilidade na chuva também, uma vez que perto da Amazônia chove muito mais que perto da Caatinga. A questão é que as chuvas no bioma são concentradas em seis, sete meses do ano. E no período seco têm-se umidades na faixa de 15%, o que fica sendo noticiado nos jornais o tempo todo, além das queimadas, etc. Então, tudo isso ajuda a formar uma

1 Sobre o bioma Pampa, leia as seguintes edições da IHU On-Line: *O Pampa e o monocultivo do eucalipto* (número 247, de 10-12-2007, disponível em <http://bit.ly/96V2Zd>) e *Pampa. Silencioso e desconhecido* (número 190, de 07-08-2006, disponível em <http://bit.ly/dzp8Wl>). (Nota da IHU On-Line)

2 Sobre o bioma Pantanal leia a IHU On-Line número 345, de 27-09-2010, intitulada *Pantanal em alerta*, disponível em: <http://migre.me/6eq9u>. (Nota da IHU On-Line)

3 Sobre a Amazônia leia a IHU On-Line número 211, de 12-03-2007, intitulada *Amazônia. Verdades e mitos*, disponível em <http://migre.me/6eq5F> (Nota da IHU On-Line)

ideia de que o Cerrado é uma região muito seca. Mas não é.

IHU On-Line - Qual a contribuição que as águas do cerrado oferecem às cidades e às terras agrícolas?

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima - Por conta dessas características do bioma, os rios conseguem resistir à seca, em geral, o que é fundamental para o abastecimento de qualquer que seja a atividade e para o abastecimento humano também. Então, o Cerrado tem essa capacidade de infiltração e armazenamento. E o fornecimento de água para o rio faz com que se tenha, ao longo do ano, um bom abastecimento de água, seja ele para as cidades ou para irrigação. A própria chuva do bioma, por perdurar por cerca de seis meses, acaba permitindo, mesmo quando não se tem uma agricultura irrigada, cerca de duas safras por ano, em uma mesma área. Se ainda houver irrigação, consegue-se fazer, mesmo assim, uma terceira safra.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?

Jorge Enoch Furquim Werneck Lima - Hoje, o Cerrado é considerado o “celeiro do mundo” porque tem um potencial agrícola muito grande. Com o desenvolvimento da tecnologia, essa região tornou-se altamente produtiva. Devemos olhar com atenção para esse bioma, que tem ainda grande potencial para o desenvolvimento da agricultura, mas tentando a todo instante incrementar a produção nas áreas que já foram abertas. Nós temos tentado recuperar as áreas um pouco mais degradadas ou menos produtivas, sem ter que abrir mais áreas do Cerrado. Pelo fato de essa área ser muito importante para os recursos hídricos do Brasil, ela tem que ser olhada com um carinho especial, uma vez que qualquer problema que aconteça com ela pode ser transferido para muitas outras áreas do país. Então, temos que pensar em um planejamento adequado do uso do solo do Cerrado, otimizando os nossos recursos naturais, tanto o solo como a água, bem como o uso dos insumos agrícolas, e tomando todos os cuidados para que não tenhamos futuros conflitos.

Cerrado: “dor fantasma” da biodiversidade brasileira

“Enquanto o desejo de explorar o Cerrado tiver raízes estrangeiras, a possibilidade de criação de um programa racional de desenvolvimento será nula”, avalia o docente Altair Sales Barbosa

POR THAMIRIS MAGALHÃES

Em pleno século XXI, encontra-se em suspenso o destino do Cerrado. “Se as próximas décadas trarão sua ruína ou salvação, ainda não se pode dizer”, é o que analisa o professor Altair Sales Barbosa, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. E continua: “embora sejam grandes as lacunas no nosso conhecimento, dispomos de informações suficientes para impedirmos uma degradação irreversível. O que se pode afirmar é que, enquanto o desejo de explorar o Cerrado tiver raízes estrangeiras, a possibilidade de criação de um programa racional de desenvolvimento será nula”, diz.

Por essas razões, continua, “a situação do Cerrado atualmente se assemelha ao fenômeno conhecido em Neurologia como ‘dor fantasma’”. Segundo o pesquisador, as pessoas que são vítimas desse mal sofrem um duplo infortúnio. “Elas perderam uma extremidade ou parte dela. E sofrem dores às vezes muito intensas que sentem como provenientes do membro que já não têm mais. As discussões sobre o Cerrado se assemelham a tal situação, porque estamos sentindo as dores da perda de um ambiente que não existe mais na plenitude de sua biodiversidade”.

Altair Sales Barbosa possui graduação em Antropologia pela Universidade Católica de Chile e doutorado em Arqueologia Pré Histórica - Smithsonian Institution National Museum Of Natural History. Atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás e diretor do Instituto do Trópico Subúmido, que funciona nessa instituição. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Arqueologia, atuando principalmente nos seguintes temas: arqueologia, cerrado, antropologia, meio ambiente e folclore. Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que consiste o bioma Cerrado? Como podemos conceituá-lo corretamente?

Altair Sales Barbosa - O professor Aziz Ab'Saber¹ classifica o Cerrado como um domínio morfoclimático e fitogeográfico. Entretanto, o mais correto é correlacionar os diversos fatores que compõem sua biocenose e defini-la como um sistema biogeográfico. Um sistema que abrange áreas planálticas é o Planalto Central brasileiro, com

altitude média de 650 metros, clima tropical subúmido de duas estações, uma seca outra chuvosa, solos variados e um quadro florístico e faunístico extremamente diversificado e interdependente.

IHU On-Line - Qual a importância que o Cerrado exerce na fixação das populações indígenas? O senhor possui dados de quantos povos vivem atualmente no bioma?

Altair Sales Barbosa - O Cerrado exerce papel fundamental na vida das populações pré-históricas que iniciaram o povoamento das áreas interioranas do continente sul-americano. Na região dos cerrados, essas populações desenvolveram importantes processos culturais que moldaram estilos de sociedades bem definidas, em que a economia de caça e coleta imprimiu

modelos de organização espacial e social com características peculiares. Os processos culturais indígenas, que se seguiram a esse modelo, trouxeram pouca modificação à fisionomia socio-cultural e, embora ocorresse o advento da agricultura incipiente, exercida nas manchas de solo de boa fertilidade natural existentes no domínio dos cerrados, a caça e a coleta, em particular a vegetal, ainda constituíam fatores decisivos na economia dessas sociedades.

Sem considerar a área do Parque Nacional do Xingu que, mesmo possuindo alguns elementos do Sistema dos Cerrados, é integrante do Domínio Equatorial Amazônico, ou Trópico Úmido, e sem considerar também alguns povos que vivem em áreas disjuntas de Cerrado como os pareci e nambikwara, a área contínua do Sistema dos Cer-

¹ Aziz Ab'Saber: geógrafo, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, autor de diversas teorias e projetos inovadores na geografia brasileira, tendo recebido o Prêmio Santista e o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, oferecido pelo CNPq. Ab'Saber concedeu algumas entrevistas à IHU On-Line: “*Meu grande sonho é que haja menos diferenças sociais no Brasil*”, na edição 60, de 19-05-2003 e “*O aquecimento é bom para a floresta*”, edição 321, de 15-03-2010, disponível em <http://bit.ly/bM6jE8>. (Nota da IHU On-Line)

rados, dos Chapadões Centrais do Brasil, apresenta uma população indígena atual de aproximadamente 44.118 habitantes, distribuídos principalmente em terras do Maranhão, Tocantins, Goiás e Mato Grosso do Sul. Essa população engloba 26 povos de características culturais diferenciadas, cuja situação atual e fragmentação demográfica não refletem a importância que o espaço geográfico dos Cerrados teve na sua fixação durante longos períodos, nem a verdadeira história da ocupação deste espaço por tal população.

Mudanças

A partir do século XVIII, o panorama regional começou a sofrer sensíveis modificações, com o incremento da colonização que se embrenha pelo interior do país em busca de ouro, pedras preciosas e índios escravos. Nesse contexto, e a partir dessa data, surgiram os primeiros aglomerados urbanos, e a exploração mais intensa dos recursos minerais que começava a se incrementar já provoca os primeiros sinais de degradação. Findo o ciclo da mineração, a região dos cerrados permaneceu economicamente dedicada à criação extensiva de gado e à agricultura de subsistência.

Alguns desses modelos econômicos ainda subexistem em espaços localizados até os dias atuais, e outros modelos mais simples, baseados no extrativismo, são adotados por populações caboclas, habitantes atuais de espaços definidos.

O isolamento que a região manteve em relação às áreas mais populosas e economicamente dinâmicas do Brasil, até meados da década de 1960, fez com que este quadro permanecesse basicamente inalterado, fato que a implantação de Brasília alterou consideravelmente, desestruturando os sistemas sociais implantados e causando entropias de ordem biológica.

O potencial agrícola que os cerrados demonstram, associado ao fato de ser uma das últimas reservas da terra capaz de suportar, de modo imediato, a produção de cereais, a formação de pastagens e o desenvolvimento das técnicas modernas de cultivo, tem atraído recentemente grandes inves-

“O entendimento sobre aspectos ambientais do Cerrado exige análise integrada entre elementos da fauna, flora, espaço geográfico e como eles se relacionam com os demais componentes”

timentos e criados modificações significativas, do ponto de vista da infraestrutura de suporte. O fato da não existência de uma política global para a agricultura tem provocado o êxodo rural e o crescimento desordenado dos núcleos urbanos. Todos esses fatores, em seu conjunto, têm provocado situações nocivas ao meio ambiente natural e social.

IHU On-Line - Como se caracteriza a área do Sistema Biogeográfico do Cerrado?

Altair Sales Barbosa - O Sistema Biogeográfico dos Cerrados é limitado por uma série de complexas formas vegetacionais intermediárias que adquirem contornos específicos em direção à caatinga e outras configurações, em direção à floresta amazônica úmida.

Esse sistema não pode ser tomado como uma unidade homogênea, pois ostenta em seu domínio uma série de ambientes diversificados entre si, pelo caráter fisionômico e pela composição vegetal e animal. Esses ambientes constituem os seus subsistemas. Sua compreensão é de fundamental importância para se entender o sistema como um todo e o caráter da biodiversidade que ostenta. O sistema biogeográfico é composto por seis subsistemas interatuantes, caracterizados pela fisionomia e composição vegetal e animal, além de outros fatores, que apresentam a seguinte organização:

Subsistema dos Campos, Subsistema do Cerrado, Subsistema do Cerradão, Subsistema das Matas, Subsistema das Matas Ciliares e Subsistemas das Veredas e Ambientes Alagadiços.

Subsistema dos Campos

Ocupa as partes mais elevadas do sistema, apresenta morfologia plana regionalmente denominada chapadões ou campinas.

Subsistema do Cerrado

Constitui a paisagem dominante do sistema. Ostenta um estrato gramíneo diferenciado do campo pela ocorrência de árvores de pequeno porte e aspecto tortuoso, o que se explica pela teoria do escleromorfismo oligotrófico.

Subsistema do Cerradão

É, fisionomicamente, mais vigoroso que o Subsistema do Cerrado. As árvores atingem de 10 a 15 metros de altura e os solos demonstram maior fertilidade natural. Não há um estrato gramíneo forte como no Cerrado e as árvores são mais encopadas.

Subsistema das Matas

Ocorre em manchas de solo de boa fertilidade natural que, às vezes, adquirem a configuração de ilhas, meio a uma paisagem dominante de Cerrado, conhecidas por capões e podem formar áreas extensas, compactas e homogêneas.

Subsistema das Matas Ciliares

Ocorre nas cabeceiras dos pequenos córregos e rios acompanhando-os pelas suas margens em estreitas faixas.

Subsistema das Veredas e Ambientes Alagadiços

As cabeceiras de alguns córregos e rios são, às vezes, caracterizados por ambientes alagadiços, decorrentes do afloramento do lençol de água ou ainda em virtude de características impermeabilizantes do solo. Nesse local, são muito frequentes as veredas, que são paisagens nas quais predominam os coqueiros buriti e buritirana que, geralmente, distribuem-se acompanhando os cursos d'água até a parte média de alguns rios, formando uma

paisagem muito bonita.

Heterogeneidade

Essa diversidade de ambiente é um fator muito importante para a diversificação faunística, permitindo a ocorrência de animais adaptados a ambientes secos e, também, a ambientes úmidos. Da mesma forma, propicia tanto a ocorrência de formas adaptadas a áreas ensolaradas e abertas como favorece a ocorrência de formas umbrófilas. Esses fatores atribuem ao Sistema Biogeográfico um caráter singular, distinguindo-o pela variedade de formas vegetais e animais.

IHU On-Line - Qual é a grande biodiversidade de fauna do Cerrado?

Altair Sales Barbosa - O entendimento sobre os aspectos ambientais do Cerrado exige uma análise integrada entre os elementos da fauna, da flora, do espaço geográfico e como eles se relacionam com os demais componentes. Acredita-se que a grande biodiversidade de fauna do Cerrado está vinculada à diversidade de ambientes. Tal correlação permite vislumbrar o ambiente na sua totalidade, o que facilita o estabelecimento adequado de políticas ambientais para a região.

Geograficamente a região dos cerrados situa-se em um local estratégico entre os domínios brasileiros, o que facilita o intercâmbio florístico e faunístico. Representado no centro do país, a sua área estende-se de um extremo ao outro, do Mato Grosso do Sul ao Piauí, em seu eixo maior; e limita-se, para oeste, com a Floresta Amazônica, para o leste e nordeste, com a vegetação da Caatinga, sendo acompanhada ao sul e sudeste pela Floresta Atlântica. Essas ligações favoreceram o delineamento de corredores de migração importantes, tanto por via terrestre como aquática.

Diversidade

Algumas espécies animais do Cerrado são limitadas a determinados tipos de habitats. Os espaços são bem definidos de acordo com a necessidade biológica de cada espécie. Esse condicionamento ao ambiente pode ser

“Para a região do Cerrado, são apontadas para a avifauna 935 espécies, distribuídas em diferentes habitats por todo o bioma. Quanto aos mamíferos, foram listadas 298 espécies, e 268 de répteis”

explicado pelo determinismo ambiental, imposto pela natureza através de recursos alimentícios, que condicionaram os animais especialistas a viverem em determinadas áreas em função do hábito alimentar. Um exemplo conhecido é o da espécie *Myrmecophaga tridactyla* (tamanduá-bandeira), que se alimenta basicamente de cupins terrestres e formigas, abundantes em campos abertos.

Fauna

Para a região do Cerrado, são apontadas para a avifauna 935 espécies, distribuídas em diferentes habitats por todo o bioma. Quanto aos mamíferos, foram listadas 298 espécies, e 268 de répteis.

Frutos

A maturação dos frutos e a rebrota das gramíneas, fonte principal de alimento de um grande contingente de fauna, não ocorrem de forma homogênea em todas as áreas de Cerrado. A grande frutificação acontece durante os meses de novembro, dezembro e janeiro, época que coincide com o auge da estação chuvosa. A concentração desses recursos diminui, acompanhando o fim do período chuvoso. Entretanto, com exceção dos meses de maio e junho, considerados críticos no que se refere à oferta de alimentos, os demais meses que correspondem à época seca, mesmo em menor quantidade, apresentam alguns recursos, en-

tre eles flores, raízes, resinas e alguns frutos.

Os mamíferos dos Cerrados podem ser observados durante todo o ano, principalmente os que vivem em áreas abertas. Todavia, a maior concentração dessas espécies em seus nichos alimentares se dá nos meses de setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro. Esta época coincide com a rebrota das gramíneas, que geralmente durante a estação seca, por ação natural ou antrópica, sofrem a ação do fogo, o que coincide também com a maturação dos frutos. Nesse mesmo período, acontece a revoada de insetos (mariposas e tanajuras), o que torna fartos os recursos para os mamíferos insetívoros.

Relação entre flora e fauna

Grande parte desses animais está se acasalando durante os meses correspondentes à estação seca. Isso significa que no período chuvoso vão estar com filhotes. Essa dinâmica da natureza revela a estreita relação entre a flora e a fauna dos cerrados.

Infelizmente, a cada ano que passa aumenta a lista dos animais ameaçados de extinção total. A natureza dotou esta região de certos mecanismos naturais que garantem a multiplicação e a propagação das espécies. Existe uma estreita interdependência entre a fauna e a flora. O fator biodiversidade animal está diretamente relacionado à diversidade de ambientes. Estes, por sua vez, relacionam-se à variedade de espécies vegetais que se multiplicam sob a influência de fatores litológicos, edáficos e climáticos, de ordem regional e local.

Ausência de política ambiental

Infelizmente, a falta de uma política séria para o meio ambiente tem colocado em risco todo o patrimônio natural dessa região, marcada por processos intensos de ocupação desordenada dos espaços. A política desenvolvimentista aplicada no Brasil, principalmente no Cerrado, que é considerado a última grande fronteira para a produção de grãos, tem levado muitas espécies da fauna à extinção e, conseqüentemente, alguns exemplares

da flora, em função da sua interdependência. Muitos animais da Megafauna (fauna gigante) já foram extintos dentro de um processo lento e natural, imposto pela evolução da natureza. Os animais modernos estão se extinguindo ou em vias de extinção, dentro de uma dinâmica proporcionada pela ação humana. Muitas dessas espécies não alcançaram nem alcançarão o seu clímax evolutivo, pois a velocidade dos processos de degradação supera em milhares de anos os fenômenos naturais.

IHU On-Line - Como pode ser definida a atual situação dos recursos hídricos no bioma?

Altair Sales Barbosa - O Cerrado é a cumeeira da América do Sul, distribuindo águas para as grandes bacias hidrográficas do continente. Isso ocorre porque na área de abrangência do Cerrado se situam três grandes aquíferos, responsáveis pela formação e alimentação dos grandes rios do continente: o aquífero Guarani, associado ao arenito Botucatu e a outras formações areníticas, mais antigas, que são responsáveis pelas águas que alimentam a bacia do Paraná. Os aquíferos Bambuí e Urucuaia. O primeiro associado às formações geológicas do Grupo Bambuí e o segundo associado à Formação arenítica Urucuaia, que em muitos locais está sobreposto ao Bambuí, há até o encontro dos dois aquíferos, apesar de existir entre os dois uma grande diferença de idade. Os aquíferos Bambuí e Urucuaia são responsáveis pela formação e alimentação dos rios que integram a bacia do São Francisco, Tocantins, Araguaia e outras, situadas na abrangência do Cerrado.

Esses aquíferos vêm se formando durante milhões de anos, de pouco tempo para cá não estão sendo recarregados como deveriam, para sustentar os mananciais. Isso ocorre porque a recarga dos aquíferos se dá pelas suas bordas nas áreas planas, onde a água pluvial infiltra e é absorvida cerca de 70% pelo sistema radicular da vegetação nativa, alimentando num primeiro momento o lençol freático e lentamente vai abastecendo e se armazenando nos lençóis mais subterrâneos.

Com a ocupação dos chapadões de

“Os aquíferos Bambuí e Urucuaia são responsáveis pela formação e alimentação dos rios que integram a bacia do São Francisco, Tocantins, Araguaia e outras, situadas na abrangência do Cerrado”

forma intensa, que trouxe como consequência a retirada da cobertura vegetal, sua substituição por vegetações temporárias de raiz subsuperficial, a água da chuva precipita, porém não infiltra o suficiente para reabastecer os aquíferos. Com o passar dos tempos, eles vão diminuindo de nível, provocando, num primeiro momento, a migração das nascentes, das partes mais altas para as mais baixas, e a diminuição do volume das águas, até chegar ao ponto do desaparecimento total do curso d'água. Convém ressaltar que este é um processo irreversível.

IHU On-Line - Quais os principais problemas ambientais do Cerrado?

Altair Sales Barbosa - De todos os grandes ambientes brasileiros, o Cerrado tem sido o domínio que mais transformações vem sofrendo nos últimos anos. Não só mudanças das técnicas de produção. Muito mais profundas são as alterações culturais, que têm afetado o próprio sistema de vida das populações, desestruturando os valores e, muitas vezes, provocando um vazio.

Os antigos núcleos urbanos, quase todos originados em torno de atividades mineradoras, principalmente os do início do século XVIII, veem-se, de repente, transformados em polos regionais de inovações e agenciadores de “mudanças radicais” nos sistemas de relações, com seus inúmeros serviços, quase todos voltados para atividades agroindustriais e com preocupações imediatistas.

Criação de cidades

As criações de Goiânia, posteriormente Brasília, paralelamente ao desenvolvimento do sistema viário e ao processo de modernização da agricultura, vieram contribuir com certa radicalização nas modificações dos fatores até então estruturados, rompendo em estilhaços seus traços mais tradicionais. Alguns modelos tradicionais de interação homem/ambiente, em virtude do isolamento de certas áreas, persistem até os dias atuais, como certos enclaves do oeste da Bahia, sul do Piauí e Maranhão, em muitos pontos do Vão do Paraná, e margem direita do Tocantins. Com a implantação desse novo Estado e a construção de sua capital Palmas, uma nova “onda” de modificações significativas já tiveram seus processos iniciais.

Até bem pouco tempo atrás as áreas do Sistema Biogeográfico dos Cerrados não eram muito valorizadas nem procuradas para implantação de grandes atividades agropastoris. As suas partes mais intensamente ocupadas eram restritas ao subsistema de matas, ou seja, áreas florestadas que existem dentro do sistema e que estão sempre associadas a solos de boa fertilidade natural. Por isso essas áreas foram as primeiras a receberem o impacto de uma degradação maior. Ao seu lado, em escala menor, podem ser citadas as áreas que compõem o subsistema Cerradão e as Matas-Galerias.

As demais áreas que constituem as maiores superfícies do sistema, como o Subsistema do Cerrado, do Campo, das Veredas e Ambientes Alagadiços, em virtude das características de seus solos, não favorecem de imediato uma ocupação intensiva com o desenvolvimento de práticas agrícolas desenvolvidas. Essas áreas, outrora ocupadas pelo criatório extensivo, tinham como suporte uma pastagem nativa, cujo teor alimentício estava condicionado à sazonalidade climática, o que obrigava os rebanhos a migrações longas, e durante a estação seca eram conduzidos para as “veredas” onde a umidade mantinha verdejante a pastagem mesmo no auge da seca. Entretanto, essas áreas de veredas não ocupam grande extensão e na época da estação chuvosa, em função de muitos fatores, não

é propícia a ocupação por rebanhos. Na época chuvosa, o rebanho pode ser transportado para as áreas mais elevadas (campos e cerrado). Esse fator das migrações sazonárias é responsável por um sistema pastoril que exige grandes extensões de terras, que poderiam ser compradas, arrendadas ou simplesmente ocupadas na forma de posse ou “fechos”.

Com a utilização do calcário para a correção da acidez do solo, a introdução do arado e sistemas mecânicos de desmatamento, além da facilidade de irrigação, houve transformação dessas áreas, anteriormente impróprias para atividades agrícolas, em terras produtivas. Outrossim, a substituição das pastagens nativas por espécies estrangeiras modificou radicalmente o quadro pastoril.

Impactos ambientais

Os impactos sobre o ambiente causados por esse novo modelo de ocupação são visíveis e podem ser caracterizados pelos itens seguintes:

- empobrecimento genético;
- empobrecimento dos ecossistemas;
- destruição da vegetação natural;
- propagação de ervas exóticas;
- extinção da fauna nativa;
- diminuição e poluição dos manan-

ciais hídricos;

- compactação e erosão dos solos;
- contaminação química das águas e da biota;
- proliferação de doenças desconhecidas etc.

Esses fatores em conjunto geram inúmeros outros que, por sua vez, funcionam como agentes de atração populacional e modificações significativas do ambiente. Como exemplo, temos a demanda de energia, que exige a formação de grandes reservatórios e usinas geradoras, criando inúmeras frentes de trabalho, diretas e indiretas, o que acarreta entropias de grande alcance natural e social.

Assim é que no início do século XXI encontra-se em suspenso o destino do Cerrado. Se as próximas décadas trarão sua ruína ou salvação, ainda não se pode dizer.

Embora sejam grandes as lacunas no nosso conhecimento, dispomos de informações suficientes para impedir uma degradação irreversível. O que se pode afirmar é que, enquanto o desejo de explorar o Cerrado tiver raízes estrangeiras, a possibilidade de criação de um programa racional de desenvolvimento será nula.

Por essas razões, a situação do Cerrado atualmente se assemelha ao

fenômeno conhecido em neurologia como “dor fantasma”. As pessoas que são vítimas desse mal sofrem um duplo infortúnio. Elas perderam uma extremidade ou parte dela. E sofrem dores às vezes muito intensas que sentem como provenientes do membro que já não tem mais. As discussões sobre o Cerrado se assemelham a tal situação, porque estamos sentindo as dores da perda de um ambiente que não existe mais na plenitude de sua biodiversidade.

IHU On-Line - Quais são as variedades vegetais e frutíferas que o bioma oferece?

Altair Sales Barbosa - O último check-list de plantas do Cerrado, publicado pela Embrapa, revela um total de 12.365 espécies já catalogadas. Entretanto, a cada expedição de campo novas espécies são descobertas. Há entre as espécies vegetais uma grande variedade de frutas comestíveis, que foram enormemente apreciadas por populações indígenas e até hoje integram a dieta dos homens que vivem no bioma. Além do consumo natural, grande parte das espécies frutíferas constitui matéria prima para diversas fábricas de alimentos, desde sorvetes, picolés, doces, bolachas, salgados e culinária em geral.

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR



Flora do Cerrado: caminho de descobertas

“Sem dúvida nenhuma o Brasil, pela posição estratégica que ocupa, vem ao longo de sua história sendo alvo da biopirataria. Em alguns casos, nem temos acesso ou consciência disso”, afirma Marilda da Conceição Ribeiro e Barros

POR THAMIRIS MAGALHÃES

O Cerrado tem influência nacional e internacional em vários setores. Um deles, pouco conhecido e explorado, é a flora. Só para se ter uma ideia, são catalogadas para o Brasil aproximadamente 50 mil espécies vegetais, “isso representa 1/7 das espécies de plantas existentes no mundo. E, entre elas, sete mil estão distribuídas nas fisionomias do bioma Cerrado. Para o mundo, representa o reconhecimento de que, de fato, o Brasil é um país importante e estratégico. Tem características ambientais que o assinalam assim”, é o que diz a pesquisadora Marilda da Conceição Ribeiro e Barros, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Segundo ela, a flora do Cerrado é reconhecida por vários pesquisadores nacionais e internacionais como um grande celeiro na oferta de bioprodutos com aplicações em quase todos os setores da economia de modo direto e indireto. “Este recurso genético da nossa biodiversidade tem despertado interesse mundial por esse rico recurso biológico”.

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros possui graduação e mestrado em Engenharia Agrônoma e doutorado pela Universidade Federal de Goiás - UFG. Tem experiência na área de agronomia, com ênfase em morfoanatomia, fisiologia e farmacognosia de plantas nativas do Cerrado, atuando principalmente nos seguintes temas: morfologia da germinação, germinação de sementes, crescimento e desenvolvimento de plantas do bioma Cerrado, armazenamento de sementes nativas do Cerrado, *Paepalanthus speciosus* Koern, dormência de sementes, plantas medicinais, atividade biológica de *Apeiba tibourbou* Aubl e biojoias de frutos e sementes; também em macro e micropaisagismo, e planejamento urbano e ambiental. Atualmente é coordenadora do Laboratório de Sementes do Instituto do Trópico Subúmido - ITS da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os principais estudos e descobertas que você tem realizado em relação à flora do Cerrado?

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Na área da fisiologia vegetal, temos realizado alguns estudos sobre “superação de dormência de sementes nativas do bioma cerrado” em *Terminalia argentea*; *Paepalanthus speciosus* Koern; *Sterculia striata*; *Apeiba tibourbou* Aubl; algumas espécies do gênero *Vellosia*, entre outras espécies.

Na área da fisiologia do crescimento, “avaliação da morfologia do crescimento em *Paepalanthus speciosus* Koern (*Eriocaulaceae*); *Apeiba tibourbou* Aubl; *Vellosia flavicans* Mart (*Vellosiaceae*)”. Nosso trabalho com germinação e crescimento inicial de *Paepalanthus speciosus* Koern mostrou que esta

espécie nativa das formações rupes- tres do bioma Cerrado é passível de ser cultivada e multiplicada para uso em paisagismo. Através dos estudos de crescimento inicial com a espécie *Vellosia flavicans*, também foi possível concluir que, apesar de seu crescimento ser muito lento, é outra opção de espécie ornamental de grande valor paisagístico. Tais resultados vêm na contramão às previsões sombrias do círculo vicioso praticado por algumas comunidades locais que trabalham de modo desorganizado a prática de exploração predatória, com manejo inadequado, que podem a médio e longo prazo levar à extinção de populações deste contingente de plantas notadamente conhecidas por sempre-vivas.

IHU On-Line - De que maneira as es-

pécies da flora nacional podem ser uma boa opção para a geração de emprego e renda no bioma?

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Temos distribuídos nos biomas brasileiros espécies de vegetal que vêm ao longo do tempo sendo usadas por várias comunidades que se organizam num ciclo virtuoso, em cadeias produtivas na exploração sustentável dos produtos da biodiversidade brasileira. O governo federal criou recentemente um programa para dar apoio a esses grupos organizados através do “Plano Nacional de Promoção da Cadeia de Produtos da Sociobiodiversidade” - PNPSB. Desse modo, vários frutos são trabalhados por tais comunidades, como a castanha do Brasil (castanha do Pará) - Amazônia, o babaçu - zona de transição entre Amazônia, Cerrado e

Caatinga. Mais recentemente foram agregados a andiroba, carnaúba, o pequi, o açaí, a borracha, o buriti, a copaíba e a piaçava.

Assim, a organização da produção local dos produtos da flora brasileira, através da exploração autossustentada que tenha como fundo uma identidade socioambiental-econômica, sem dúvida pode e deve ser explorada tendo como resultado a geração de renda através da ocupação da mão de obra local e o estabelecimento de mercados sustentáveis.

**IHU On-Line - Algumas espécies flo-
rais nativas do Cerrado podem ter
uso ornamental?**

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Sem dúvida, uma grande quantidade de espécies da flora do bioma Cerrado pode ser empregada nas práticas paisagísticas e ornamentais, por serem já adaptadas às condições climáticas locais. Os estudos devem ser desenvolvidos na correção do solo sob o viés da sua física e fertilidade do solo, das regas, quantidade e intensidade de luminosidade principalmente. Dessa forma, grande parte das espécies poderá ser utilizada no paisagismo urbano, residencial, de praças públicas, entre outras.

Nesse perfil, várias espécies já vêm sendo utilizadas, a exemplo das arbóreas na prática da arborização urbana. É necessário avançar na pesquisa de domesticação de espécies ornamentais de pequeno porte como os arbustos, herbáceas, trepadeiras e forrageiras. Nesses grupos, temos espécies de grande valor estético como orquídeas, cactáceas, *paepalanthus*, leguminosas e capins, por exemplo.

**IHU On-Line - Você afirma que o Bra-
sil é um dos países com maior bio-
diversidade mundial. Quantas são as
espécies vegetais brasileiras e quan-
tas estão distribuídas no Cerrado? O
que este número representa em ní-
vel mundial?**

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - São catalogadas para o Brasil aproximadamente 50 mil espécies vegetais, isso representa 1/7 das espécies de plantas existentes no mundo. E, entre elas, sete mil estão distribuí-

“Sem dúvida, uma grande quantidade de espécies da flora do bioma Cerrado pode ser empregada nas práticas paisagísticas e ornamentais”

das nas fisionomias do bioma Cerrado. Para o mundo isso representa o reconhecimento de que, de fato, o Brasil é um país importante e estratégico. Tem características ambientais que o assinalam assim. Sua flora é reconhecida por vários pesquisadores nacionais e internacionais como um grande celeiro na oferta de bioprodutos com aplicações em quase todos os setores da economia de modo direto e indireto.

O recurso genético da nossa biodiversidade tem despertado interesse mundial por esse rico recurso biológico. As bioindústrias comercializam em torno de 22 bilhões de dólares em produtos naturais e 200 bilhões em cosméticos e perfumaria. O Brasil tem exportado em torno de 44 milhões de dólares em óleos cítricos e apenas 4,8 milhões em óleos não cítricos, e isso abre uma perspectiva imensa para alternativas da nossa flora.

**IHU On-Line - Como tem ocorrido a
pesquisa científica no Brasil com re-
lação às plantas do Cerrado? Esses
trabalhos podem originar produtos
que beneficiem a população de modo
geral?**

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Apesar da dedicação, empenho e compromisso de alguns estudiosos, uma pesquisa que gere um produto final requer altas cifras e tempo que pode durar em média dez anos de trabalho árduo e, de certo modo, muitas vezes é engendrado por multidisciplinares em uma arquitetura de envolvimento das várias ciências de modo racional e estratégico na elaboração de um produto. O impulso atual deve ser realizado de modo a equacionar as ciências envolvidas desde a pesquisa básica até a pesquisa aplicada, isto é,

até a comercialização, satisfação e segurança do consumidor final.

**IHU On-Line - De que forma essas
descobertas podem auxiliar na ali-
mentação?**

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Sabemos que uma das primeiras necessidades do ser humano é a alimentação. Proteínas, carboidratos, lipídeos, vitaminas e sais minerais. Tudo isso temos em abundância e em variedade em nossa biodiversidade vegetal e de fauna.

**IHU On-Line - Acredita que a apre-
sentação de novos produtos que se
destaquem dos comercializados pode
encontrar mercado promissor para o
Brasil?**

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Somos adeptos às novidades. E novidades geradas através de um modo de produção socioambiental-econômico justo e equilibrado formam, sem dúvida, uma opção de escolha forte para a maioria dos consumidores conscientes.

**IHU On-Line - Todo esse recurso da
flora do Cerrado brasileiro vem sen-
do alvo de interesses de outros paí-
ses?**

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Não faz muito tempo o Japão tentou patentear produtos originados de nossa flora. Um caso que gerou grande polêmica foi o do cupuaçu que ainda exigia exclusividade ao uso do nome “cupuaçu”. Através da intervenção do governo federal, a patente foi repatriada. Mas sem dúvida nenhuma o Brasil, pela posição estratégica que ocupa, vem ao longo de sua história sendo alvo da biopirataria. Em alguns casos, nem temos acesso ou consciência disso.

**IHU On-Line - Acredita que o Brasil
tem chances de ser líder na pesquisa
sobre bioindústria? O que falta?**

Marilda da Conceição Ribeiro e Barros - Sim. O Brasil tem tudo o que se precisa, se equacionadas as variáveis da valorosa biodiversidade, territorialidade continental, com diversos bioclimas; solo, água e um povo inteli-

gente que se bem orientado vai à luta e produz, em um sistema de pesquisa e produção, para sermos também nesse setor uma superpotência.

No entanto, esse aspecto do desenvolvimento brasileiro ainda está engatinhando. Devemos ressaltar os esforços medidos pelos pesquisadores que sonham com tal perspectiva e por isso lutam diuturnamente na intenção de darem suas contribuições nessa construção intelectual no Brasil.

O que falta em nosso país é o reconhecimento pelo setor produtivo-estratégico dessa sua vocação e capacidade de produção. Além disso, precisamos estabelecer parcerias entre as universidades e institutos de pesquisas com o setor produtivo para que as pesquisas resultem em produtos e para que esses produtos gerem riquezas que provoquem divisas ao país. Desse modo, a iniciativa privada tem uma capacidade de suporte logístico com laboratórios

e equipamentos de última geração que podem suportar as pesquisas de ponta das universidades e institutos. A meu ver, as dissertações e teses devem ter este peso científico como resultado final. O Brasil ainda é minoria na detenção de patentes que sejam oriundas da produção intelectual. O país deve o quanto antes rever sua posição importante, decisiva e valiosa nesse setor que, sem dúvida, o diferencia das outras nações.

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

O envolvimento da sociedade em prol do Cerrado

César Victor do Espírito Santo alerta que nas últimas quatro décadas houve um advento da expansão da fronteira agrícola no Brasil e que o Cerrado passou a ser um local de grande importância no cenário nacional e mundial em termos de produção agrícola e pecuária

POR THAMIRIS MAGALHÃES E GRAZIELA WOLFART

“O Cerrado ainda é visto como a grande fronteira agrícola do Brasil e, como somos um país de extensão continental, isso acaba tendo uma repercussão internacional. Então, o Brasil hoje é um dos maiores produtores de soja, é o maior exportador mundial de carne, é um dos maiores produtores de ferro gusa e essas matérias-primas são produzidas em função da exploração do Cerrado”, constata o engenheiro florestal César Victor do Espírito Santo. Ele afirma, na entrevista que concedeu por telefone para a **IHU On-Line**, que o Cerrado, até a década de 1960, “era muito pouco utilizado, até mesmo pela ocupação estar mais concentrada em outras áreas do país e pelo fato de o bioma ter algumas limitações. Hoje, passou a ser um local de grande importância no cenário nacional e mundial em termos de produção agrícola e pecuária”.

César Victor do Espírito Santo é engenheiro florestal formado pela Universidade de Brasília - UnB. Atualmente é o superintendente executivo de uma das principais ONGs ambientalistas do país, a Fundação Pró-Natureza - Funatura, e é representante do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais na Comissão Nacional de Biodiversidade. Na Funatura, além de diretor executivo é o coordenador do Programa Grande Sertão Veredas desenvolvido pela Fundação na região do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Podemos afirmar que existem áreas do Cerrado que se encontram intactas?

César Victor do Espírito Santo - Totalmente intactas é difícil, mas existem no bioma áreas ainda bastante preservadas e elas estão principalmente nas Unidades de Conservação de Proteção Integral, em algumas áreas indígenas e em pouquíssimas áreas privadas. No entanto, é raro existir áreas totalmente intactas.

IHU On-Line - Quais são os principais problemas ambientais que o Cerrado enfrenta?

César Victor do Espírito Santo - O principal problema que verificamos é a conversão dos ecossistemas naturais do Cerrado em grandes plantações, tanto agrícolas como pastagens, ou seja, a conversão da vegetação nativa em monoculturas. E isso traz problemas sérios em termos de perda da biodiversidade e da poluição de águas,

porque o uso intensivo de agrotóxicos compromete a qualidade da água em vários aspectos, caso não sejam utilizados de forma adequada. Além disso, o próprio solo também fica comprometido. Outro aspecto refere-se à poluição atmosférica. Há ainda a utilização de queimadas para limpeza de terreno. O fogo se alastra em áreas que não deveria e essa fumaça traz sérios problemas em alguns locais. Têm cidades que sofrem com inúmeros problemas em função da fumaça durante vários dias na época da seca. No Cerrado, é comum entre os criadores de gado na pastagem natural, por exemplo, fazer uso do fogo para renovação do pasto. Então, esse já é um problema em si, além da fumaça, que acaba trazendo problemas de poluição.

IHU On-Line - Como o senhor avalia o impacto ambiental e social que o cerrado vem sofrendo nas últimas quatro décadas?

César Victor do Espírito Santo - Nas últimas quatro décadas houve realmente um advento da expansão da fronteira agrícola no Brasil. O Cerrado, até a década de 1960, era muito pouco utilizado, até mesmo pela ocupação estar mais concentrada em outras áreas do país e pelo fato de o bioma ter algumas limitações. Hoje, passou a ser um local de grande importância no cenário nacional e mundial em termos de produção agrícola e pecuária. Esse fato levou a conversões da vegetação nativa do bioma em grandes monocultivos, como dito anteriormente, e isso gerou os impactos ambientais aos quais fiz referência, como a perda de biodiversidade, de mananciais, a poluição, a seca de várias nascentes, além da questão social também, porque muitas comunidades tradicionais que viviam da terra acabaram sendo levadas a sair desses lugares ou a se adaptarem ao novo modelo, que é o da agricultura mecanizada e de exportação.

tação. Tudo isso acaba gerando menos emprego do que se estivesse na forma de agricultura familiar.

IHU On-Line - Por que afirma que a inserção do Cerrado na economia nacional e mundial traz prejuízos consideráveis para o conjunto da sociedade e o meio ambiente?

César Victor do Espírito Santo - Na verdade, digo que o Cerrado ainda é visto como a grande fronteira agrícola do Brasil e, como somos um país de extensão continental, isso acaba tendo uma repercussão internacional. Então, o Brasil hoje é um dos maiores produtores de soja, é o maior exportador mundial de carne, é um dos maiores produtores de ferro gusa e essas matérias-primas são produzidas em função da exploração do Cerrado. Quando se fala que essa inserção do Cerrado na economia traz impactos, tanto ambientais como sociais, isso acontece de forma muito rápida. Em quatro décadas, foi destruída mais da metade do Cerrado, o que não aconteceu com nenhum outro bioma. Além do aspecto da biodiversidade e da riqueza do solo, temos a questão dos recursos hídricos. O Cerrado está em uma região central do Brasil, onde existem muitas nascentes e as principais bacias hidrográficas brasileiras. Essa água toda é muito importante para a agricultura, para o ser humano e para a própria manutenção dos ecossistemas. Então, temos que tratar o Cerrado de forma muito cautelosa. Por isso defendo o Zoneamento Ecológico Econômico em todo o Brasil. Mas que seja feito de forma participativa, envolvendo diferentes segmentos da sociedade, como academia, governo, sociedade civil organizada, produtores e representantes dos trabalhadores, para se tentar discutir e colocar de forma interessante o zoneamento, o ordenamento da ocupação do território e os serviços ambientais.

IHU On-Line - De que maneira a criação de novas Unidades de Conservação - UCs pode contribuir para evitar o desmatamento no bioma?

César Victor do Espírito Santo - As Unidades de Conservação - UCs são de extrema importância para o país. Quando

falamos em UCs, consideramos não só as da categoria de proteção integral, mas também aquelas do grupo de uso sustentável, que são as reservas extrativistas, reservas de movimento sustentável e as áreas de proteção ambiental. Então, em seu conjunto, é muito importante que essas unidades sejam criadas e debatidas com a sociedade. É preciso entender a importância dessas Unidades de Conservação. É relevante que a população realmente esteja bem informada, possa visitar essas áreas, para poder valorizar o patrimônio que possui. O Brasil é o detentor de maior riqueza da biodiversidade. Precisamos entender isso, ajudar a definir estratégias e políticas públicas, votar em candidatos que têm essa preocupação, porque será uma lástima se nós não nos preocuparmos agora com isso, uma vez que quem irá sofrer são as futuras gerações.

IHU On-Line - Frequentemente a questão do desmatamento está associada à imagem da Amazônia. No entanto, o Cerrado também vem sofrendo com o problema há anos. Por que, então, muitas pessoas ainda desconhecem essa problemática no bioma?

César Victor do Espírito Santo - Realmente, a Amazônia tem uma importância muito grande no cenário internacional. É uma floresta de dimensões continentais e, de fato, é de extrema importância não só para o país como para toda a humanidade. No entanto, o Cerrado também tem uma relevância muito grande para o nosso país, mas também para o mundo, porque o Brasil é um país muito grande. Então, alterações drásticas no Cerrado podem provocar alterações em termos climáticos de forma geral. Eu diria que a biodiversidade do Cerrado é comparada à da Amazônia. Lógico que a Amazônia é maior, tem maior número de espécies, mas o Cerrado é um bioma muito especial e interessante em vários aspectos. Por isso o bioma deve ser tão valorizado quanto a Amazônia. Infelizmente, a própria população brasileira não considera o Cerrado como deveria. Muitas vezes porque desconhecem e, aparentemente, as pessoas avaliam o Cerrado como sendo um bioma mais pobre e

mais feio.

IHU On-Line - Quais são as monoculturas existentes no Cerrado e quais os principais impactos ambientais provocados por elas?

César Victor do Espírito Santo - As principais monoculturas que estão trazendo impactos são as de soja, algodão e milho. São todas monoculturas muito importantes para a sociedade. No entanto, para que o processo funcione de forma ordenada, o caminho seria trabalhar com a questão do zoneamento. Além desses monocultivos agrícolas, tem a questão da pecuária, visto que grandes áreas são convertidas em pastagens para a produção de carne. Outro problema é o monocultivo de eucalipto¹, que está sendo expandido para a área do Cerrado de forma desordenada. Além disso, o bioma ainda vem sendo explorado para a produção de carvão, o que é lamentável.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

César Victor do Espírito Santo - Gostaria de ressaltar a importância de que precisamos fortalecer os fóruns de discussão sobre o Cerrado. Existe no Ministério do Meio Ambiente a Comissão Nacional do Cerrado, que ainda tem um papel muito secundário. Um dos objetivos dessa Comissão é propor políticas públicas mais interessantes. Então, é importante que o governo fortaleça os canais de definição de políticas públicas, para promover a participação, além do governo, da sociedade civil organizada, da academia, do setor empresarial, etc. Têm frutos do Cerrado, por exemplo, que são importantes para a produção de alimentos e remédios. Isso precisa ser considerado, além da questão do turismo e do ecoturismo. No Cerrado existem populações tradicionais que guardam tradições culturais muito ricas e que precisam ser preservadas também. Logo, é relevante trabalhar a cultura junto com a questão ambiental. São grandes desafios que precisam ser considerados.

¹ Sobre o monocultivo do eucalipto, confira a edição 247 da Revista IHU On-Line, de 10-12-2007, intitulada *O Pampa e o monocultivo do eucalipto*, disponível em <http://bit.ly/tcF9AS>. (Nota da IHU On-Line)

Soja do Cerrado: mercado promissor de exportação do Brasil?

Quando o “pai da soja no Brasil” iniciou sua pesquisa, ainda na década de 1960, o Brasil inteiro não produzia 500 mil toneladas do grão. Hoje, existem propriedades no Mato Grosso que plantam mais de 100 mil hectares

POR THAMIRIS MAGALHÃES

A soja do Cerrado tem exercido papel fundamental de exportação para o Brasil. “Quando comecei a trabalhar com a soja, não poderia imaginar que se tornaria a cultura mais importante de exportação do país. Hoje, temos metade da nossa produção de grãos no sul e outra metade no Brasil central. Isso dá uma estabilidade enorme ao país. Nós não temos tido grandes quebras de safras nos últimos anos porque nunca irá faltar água no Brasil inteiro”, declara Romeu Afonso de Souza Kiihl, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**. Para ele, atualmente se pode plantar soja do Maranhão ao Rio Grande do Sul e da Bahia a Rondônia. “O Brasil central, hoje, é responsável por mais da metade da soja que produzimos no país. Estados como Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Bahia são ou serão grandes áreas produtoras de grãos, fibras e carne. Além disso, vislumbro, em médio prazo, a integração pecuária e agricultura, que nos tornará imbatíveis na produção desses produtos, porque em alguns anos se faz pastagem e, em outros, agricultura. Esse sistema é maravilhoso”, afirma. E acrescenta: “vejo um futuro brilhante para o Brasil na área de agricultura, pecuária e silvicultura. Nós vamos ser um dos melhores do mundo”.

Romeu Afonso de Souza Kiihl possui graduação em Engenharia Agrônômica pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, mestrado em Melhoramento Vegetal pela Mississippi State University e doutorado em Agronomia Vegetal pela mesma instituição. Atualmente é Diretor Científico e Pesquisador da TMG Tropical Melhoramento e Genética Ltda. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em melhoramento vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: fotoperiodismo, soja e resistência a doenças. Recebeu os títulos de “Pai da soja no Brasil”, “pioneiro da agropecuária do Brasil” e “desbravador da soja no Cerrado”. Foi escolhido pela revista *Veja* como um dos 50 brasileiros que mudaram a regra do jogo e ajudaram a criar um novo mundo. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor conseguiu ser o desenvolvedor de cultivos de soja adaptadas à região do Cerrado, uma vez que as terras eram consideradas inadequadas para a agricultura?

Romeu Afonso de Souza Kiihl - É simplesmente uma combinação da pessoa certa, no lugar certo, no momento certo. Tive a felicidade de ter trabalhado no Instituto Agrônômico de Campinas e lá conheci alguns trabalhos que estavam sendo iniciados, tentando desenvolver a soja para o plantio nas entre safras do arroz no Vale do Paraíba. E quando presenciei esses ensaios, tinha feito a pós-graduação nos Estados Unidos com o maior pesquisador na área de melhoramento de todos os tempos, chamado Edgar Emerson Hartwig.

Então, fiz a pós-graduação com ele e tive um treinamento muito bom em fotoperiodismo. Isso em 1968. Quando conheci os trabalhos que os meus colegas agrônomos estavam desenvolvendo no Vale do Paraíba no inverno, percebi que eles estavam pesquisando uma soja chamada “Santa Maria”, que crescia em dias curtos. Então, disse para eles que poderia fazer melhor que aquilo. No ano seguinte, levei muitas populações para o Vale do Paraíba e lá nós selecionamos uma série de linhagens que deram origem às primeiras sojas adaptadas às médias latitudes. A soja é originária de uma região, na China, com 40°, 45° de latitude. E ela se desenvolveu inicialmente no mundo em latitudes semelhantes. Então, a adaptação foi fácil. Para o Brasil,

usamos uma característica que, na época, chamávamos de florescimento tardio em dias curtos. Fiz minha tese de doutorado nesse assunto. Passei a entender como era realizado o controle genético. Nós conseguiríamos manipular esses genes para desenvolver soja para baixas latitudes, inclusive a 0°. Hoje, chamamos tal característica de período juvenil longo (é o que nós chamávamos nos anos de 1960 de florescimento tardio em dias curtos). Com isso foi possível adaptar a soja do Rio Grande do Sul ao Maranhão, da Bahia a Rondônia. Então, foi algo extremamente simples. Saindo do Instituto Agrônômico de Campinas fui para o IAPAR e depois para a Embrapa, onde tive a oportunidade de interagir com todo o sistema de pesquisa no Brasil.

IHU On-Line - Qual foi o resultado de seu trabalho intenso com relação à soja?

Romeu Afonso de Souza Kiihl - Conseguimos desenvolver variedades para qualquer lugar do Brasil. Localizei-me em Londrina, no Centro Nacional de Pesquisa de Soja, que hoje se chama Embrapa Soja. E, através de uma combinação de épocas de sementeiras, sendo que começamos a semear em setembro e indo até novembro, selecionávamos tipos para cada região do Brasil. Além disso, tínhamos colaboradores no Mato Grosso, Goiás, Bahia e Maranhão que faziam a seleção final em cada região. Por exemplo, participei da criação de boa parte das variedades adaptadas às baixas latitudes do Maranhão e Piauí, sem nunca ter estado lá. Mas sabia como seria o comportamento devido ao conhecimento do fotoperiodismo e dos genes que controlavam as características.

IHU On-Line - Como o senhor vê o fato de sua descoberta ter revolucionado a agricultura no Brasil?

Romeu Afonso de Souza Kiihl - Trabalho com soja desde dezembro de 1965, que foi quando me formei. Mas inicialmente queria trabalhar com arroz. À época, nem conhecia a soja, na verdade. O caso é que, posteriormente, tive a oportunidade de ser convidado para trabalhar no setor de leguminosas no Instituto Agrônomo de Campinas, com soja, e pensei que era uma planta interessante de ser trabalhada, até mesmo por ser autógama, ou seja, tudo o que eu pensava em arroz, eu poderia utilizar na soja também. Então, fui trabalhar com soja. E, quando comecei, não poderia imaginar que se tornaria a cultura mais importante de exportação do Brasil. Quando iniciei a pesquisa, o Brasil inteiro não produzia 500 mil toneladas. O estado de São Paulo, onde eu trabalhava, plantava 20 mil hectares apenas. Hoje, existem propriedades no Mato Grosso que plantam mais de 100 mil hectares.

“O Brasil central, hoje, é responsável por mais da metade da soja que produzimos no país”

IHU On-Line - O senhor acredita que o Brasil tem tecnologia suficiente para cultivar soja em qualquer lugar do país e em qualquer época do ano?

Romeu Afonso de Souza Kiihl - As coisas não são assim. Nós fazemos uma variedade para otimizar o uso das condições climáticas. De modo geral, a soja é feita para ser plantada em outubro, novembro e ser colhida em fevereiro, março e abril. Há algumas regiões do Brasil central que muitas vezes não se consegue plantar tão cedo, devido à chuva que começa mais tarde.

IHU On-Line - De que maneira o Brasil contribui com a produção de grãos, como soja, milho, arroz e feijão, carne bovina e leite que saem do Cerrado?

Romeu Afonso de Souza Kiihl - Existem algumas coisas no Brasil que, muitas vezes, nem lembramos mais. Hoje, temos metade da nossa produção de grãos no sul e outra metade no Brasil central. Isso dá uma estabilidade enorme ao país. Nós não temos tido grandes quebras de safras nos últimos anos porque nunca irá faltar água no Brasil inteiro. Hoje, podemos plantar soja do Maranhão ao Rio Grande do Sul e da Bahia a Rondônia. O Brasil central, hoje, é responsável por mais da metade da soja que produzimos no país. Estados como Mato Grosso, Goiás, Tocantins e Bahia serão grandes áreas produtoras de grãos, fibras e carne. Além disso, vislumbro, em médio prazo, a integração pecuária e agricultura, que nos tornará imbatíveis na produção desses produtos, porque em alguns anos se faz pastagem e, em outros, agricultura. Esse sistema é

maravilhoso.

Ademais, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa colocou um centro de pesquisa no norte do Mato Grosso, em que serão realizadas pesquisas na área de silvoagropastoril, que é a integração de agricultura, pecuária e floresta. Vejo um futuro brilhante para o Brasil na área de agricultura, pecuária e florestas. Nós vamos ser um dos melhores do mundo.

IHU On-Line - De que maneira o melhoramento de solos e a fixação biológica de nitrogênio contribuiu para a produtividade da soja no solo nativo do bioma?

Romeu Afonso de Souza Kiihl - A soja tem a grande qualidade de ser uma leguminosa. E as leguminosas têm capacidade de estabelecer uma simbiose com uma bactéria e através dessa simbiose ela fixa nitrogênio do ar.

IHU On-Line - Qual sua expectativa em relação ao futuro do país?

Romeu Afonso de Souza Kiihl - Sou otimista com relação ao nosso futuro. Gostaria de afirmar que a soja é uma cultura extremamente interessante para o sistema de produção, pelo fato de ser uma leguminosa e, por isso, fixar nitrogênio. Ademais, a filosofia dos centros de pesquisa de soja no Brasil tem como meta agredir o mínimo possível o meio ambiente. Então, ainda nos anos 1970, a Embrapa Soja montou um sistema de manejo integrado, em que fazíamos o controle mais racional possível das pragas. Sempre buscamos utilizar esse mesmo sistema para desenvolver variedades resistentes a doenças e pragas. Hoje, grande parte dos programas trabalha fortemente para resistência a ferrugem e a doenças de modo geral. Logo, a preocupação dos melhoristas de soja é ter um sistema o mais limpo possível, que menos agrida o meio ambiente. Essas coisas são tão naturais para nós que, muitas vezes, esquecemos de falar.

facebook

Configurações Sa



Instituto Humanitas Unisinos

Mídia/Notícias/Publicidade · São Leopoldo · [Editar informações](#)

[Editar página](#)



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevistas da Semana

Precisamos ultrapassar a economia e sair dela

Para Serge Latouche, o capitalismo sempre esteve em crise, e é preciso abandonar com urgência o modelo econômico do crescimento infinito colocando em seu lugar a abundância frugal

POR GILBERTO FAGGION, GRAZIELA WOLFART, LUCAS LUZ E MÁRCIA JUNGES / TRADUÇÃO SUSANA ROCCA

“**A** palavra decrescimento está sendo tomada literalmente. Não se trata de um conceito, mas um slogan”. A advertência é do filósofo e economista Serge Latouche na mesa redonda promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU por ocasião de sua vinda ao campus, em uma série de atividades ligadas ao Ciclo Economia de Baixo Carbono - Limites e possibilidades. Segundo ele, um dos slogans mais nocivos e perversos do sistema capitalista é o desenvolvimento sustentável. “Para nos opormos a ele, cunhamos o termo decrescimento sustentável”, encarado quase como uma blasfêmia, provoca. A ideia é criar uma sociedade de prosperidade sem crescimento, de abundância frugal. O pensador francês pondera que nossa sociedade individualista está fundada sobre o mercado.

Serge Latouche, além de economista, é sociólogo, antropólogo, professor emérito de Ciências Econômicas na Universidade de Paris-Sul (1984). É presidente da Associação dos Amigos da Entropia e presidente de honra da Associação Linha do Horizonte. É doutor em Filosofia, pela Universidade de Lille III (1975), e em Ciências Econômicas, pela Universidade de Paris (1966), diplomado em Estudos Superiores em Ciências Políticas pela Universidade de Paris (1963). Latouche é um dos históricos colaboradores da Revue Du MAUSS (Movimiento Antiutilitarista em Ciências Sociais), além de ser professor emérito também da Faculdade de Direito, Economia e Gestão Jean Monnet (Paris-Sul), no Instituto de Estudos do Desenvolvimento Econômico e Social (IEDs) de Paris.

De suas obras, destacamos *A ocidentalização do mundo* (Petrópolis : Vozes, 1992) ; *La déraison de la raison économique* (Paris: Albin Michel, 2001) ; *Justice sans limites - Le défi de l'éthique dans une économie mondialisée* (Paris: Fayard, 2003) ; *La pensée créative contre l'économie de l'absurde* (Paris: Parangon, 2003), *Le Pari de la décorissance* (A aposta pelo decrescimento), 2006; *Pequeno tratado do decrescimento sereno* (São Paulo : WMF, Martins Fontes, 2009) e *Vers un société d'abondance frugale. Contresens et controverses sur la décroissance* (Paris : Mille.et.une.nuits, 2011 - *Por uma sociedade da abundância frugal. Cotracenso e controvérsias sobre o decrescimento*). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em que sentido o decrescimento é viável em sociedades em desenvolvimento como o Brasil e a China, por exemplo? O conceito de decrescimento pode ser aplicado a países emergentes?

Serge Latouche - O fato de formular essa pergunta demonstra que o termo decrescimento não foi compreendido. A palavra decrescimento está sendo tomada literalmente. Não se trata de um conceito, mas um slogan. Esse slogan foi necessário porque estamos numa sociedade da comunicação, onde tudo passa por slogans e manipulação midiática. Um dos slogans mais nocivos e perversos do sistema é o desenvolvi-

mento sustentável. Para nos opormos a ele, cunhamos o termo decrescimento sustentável. Esse slogan nasceu na França, numa sociedade muito desenvolvida, com sentido provocador, porque vivemos na religião do crescimento. Sua ideia é romper com a ideologia do crescimento. Assim, quando utilizamos a palavra decrescimento soa como uma blasfêmia. Isso leva as pessoas a se perguntarem como é possível dizer algo desse tipo.

Por trás do decrescimento há um projeto de um outro paradigma, de uma verdadeira sociedade alternativa à sociedade de crescimento. Trata-se de um projeto para romper com uma

sociedade e construir outra que não esteja voltada para a religião do crescimento. Se quisermos ser rigorosos, teríamos que falar em acrescimento, assim como falamos em ateísmo. Evidentemente, é preciso falar no projeto de uma outra sociedade que deve crescer com a felicidade, qualidade do ar, da água, da alimentação. Queremos construir uma sociedade que chamo, agora, da abundância frugal, uma sociedade de prosperidade sem crescimento. Retomo, por isso, a ideia de Ivan Illich¹ de sobriedade feliz. O

¹ Ivan Illich (1926-2002): pensador e autor de uma série de críticas às instituições da cultura moderna, escreveu sobre educação, medicina, trabalho, energia, ecologia e gênero. Sobre

projeto é construir uma sociedade ecossocialista, algo já formulado por André Gorz². Ele próprio aderiu à palavra decrescimento.

Projetos iguais

Se as sociedades hiperdesenvolvidas precisam sair da sociedade do desenvolvimento para reencontrarem o limite, as sociedades não desenvolvidas, que não é o caso do Brasil, têm interesse em não entrar nessa piada. Isso não quer dizer que não deva crescer uma certa produção para satisfazer as necessidades, mas não devem entrar nessa ideia da produção infinita. O problema do Brasil está exatamente na lógica do crescimento infinito e na fase onde essa fé tem efeitos positivos, e não somente negativos. Na França já não há mais efeitos positivos, mas no Brasil, ainda sim.

Em muitos países a palavra decrescimento não é a mais apropriada. No contexto da África, por exemplo, eu não falaria de decrescimento, mas quando nós encontramos representantes da Conferência Nacional de Educação (CONAE) do Equador e Bolívia, em Bilbao, na Espanha, num congresso

ele, leia a revista IHU On-Line número 46, de 09-12-2002, intitulada *Ivan Illich, pensador radical e inovador*, disponível para download no link <http://bit.ly/umtTfi>. Confira, ainda, a nota *A "boa nova" de Ivan Illich*, que dá a cobertura da palestra *A atualidade da obra de Ivan Illich*, proferida pelo filósofo e economista Serge Latouche em 24-11-2011, dentro da programação do Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades. O material está disponível em <http://bit.ly/vvWXwB>. (Nota da IHU On-Line)

2 André Gorz (1923-2007): filósofo austriaco. Escreveu inúmeros livros, vários deles traduzidos para o português, entre eles *Adeus ao proletariado* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982), *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica* (São Paulo: Annablume, 2003) e *Misérias do Presente, Riqueza do Possível* (São Paulo: Annablume, 2004). Realizamos uma entrevista com André Gorz, publicada parcialmente na 129ª edição da revista IHU On-Line, de 02-01-2005, e na íntegra no número 31 dos Cadernos IHU Ideias, com o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*, disponível para download em <http://migre.me/BizH>. Sobre André Gorz também pode ser lido o texto *Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*, de autoria de André Langer, pesquisador do Cepat. O texto está publicado nos Cadernos IHU n.º 5, de 2004, disponível para download em <http://migre.me/BiAl>. O site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU deu ampla repercussão à morte de Gorz. Para acessar o material, acesse as Notícias do Dia 26-09-2007. (Nota da IHU On-Line)

“Quando utilizamos a palavra decrescimento soa como uma blasfêmia”

chamado de *Decrescimento e bem-viver*³, imediatamente eles nos falaram que o projeto deve ser o mesmo do que o nosso.

IHU On-Line - É possível haver decrescimento numa época de tamanho crescimento e consumo tecnológico?

Serge Latouche - Esse é o grande desafio. Estamos em uma situação de esquizofrenia total, como dizem os psicólogos. Trata-se de uma dissonância cognitiva. Bastaria ver que ao mesmo tempo os responsáveis do planeta vão a Copenhague e Cancun dizendo que temos que parar o crescimento. Reúnem-se em Toronto afirmando que a economia deve ser relançada.

IHU On-Line - Como o conceito do decrescimento é recebido pela Europa em crise econômica e sedenta por recuperar-se e continuar consumindo?

Serge Latouche - Mesmo sendo uma ideia importante e fortalecida pelo movimento do decrescimento, frente ao todo essa é uma parte ínfima. Mesmo os ecologistas e verdes, que normalmente deveriam aderir, estão muito divididos nesse ponto. Trata-se de uma minoria dentro dos verdes que apoiam com esse projeto do decrescimento. Há iniciativas locais na Itália, sobretudo, que tem obtido êxito e sucesso. Na França isso também pode ser observado, mas somente em nível de algumas cidades e projetos. Há um grande movimento na Europa contra a privatização da água. Não se chama movimento do decrescimento, mas movimento contra o capitalismo e a privatização.

IHU On-Line - Quais os caminhos para

3 Sobre o bem-viver, confira a edição 340 da Revista IHU On-Line, de 23-08-2010, intitulada *Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Pora. O Bem-Viver*, disponível em <http://bit.ly/synhih>. (Nota da IHU On-Line)

“deseconomizar o imaginário” das pessoas no século XXI?

Serge Latouche - As vias do Senhor são impenetráveis. Penso que o trabalho intelectual e de difusão dessas ideias tem um papel. Mas o mais importante para a transformação do imaginário são as vivências. O bom seria ver os exemplos pequenos que temos e que são interessantes, e que quase sempre obedecem à pedagogia das catástrofes. Percebemos que na Europa a vaca louca levou as pessoas a modificar seus hábitos alimentares. Quando eu estava no Japão, ficou claro que o fenômeno do tsunami, que ocasionou a ruptura dos reatores em Fukushima⁴, provocou uma verdadeira efervescência para que as pessoas se interrogassem sobre a energia nuclear. Foi interessante porque a sociedade japonesa é tradicionalmente muito passiva. Como as catástrofes acontecem cada vez mais, infelizmente, vemos estiagem, enchentes, pandemias e doenças novas aparecerem. Tudo isso leva as pessoas a mudarem sua maneira de pensar.

IHU On-Line - A construção de uma sociedade do decrescimento aconteceria, então, através de atitudes individuais e um movimento através de rede? Isso aconteceria institucionalizado ou trata-se de um movimento aberto que depende da atitude individual?

Serge Latouche - Há de tudo. Sou um intelectual e não estou comprometido ou engajado em qualquer partido político. Não tenho nem intenção em criar partido político. Há gente que tentou me “empurrar” para isso, mas não aceitei. É verdade que nos próximos anos pode haver um incremento desse tipo de movimento. Precisamos dizer que os principais movimentos de decrescimento são compostos de jovens. Eles não gostam de que alguém diga-lhes o que deve ser feito. Organizam-se espontaneamente, como os indignados, por exemplo. A primeira ação que fazem é, quase sempre, marchas

4 Fukushima: província do Japão localizada na região de Tohoku, na ilha de Honshu. A capital é Fukushima. Nessa localidade funciona a usina nuclear atingida pelo tsunami em março de 2011. Sobre o tema, confira a edição 355 da Revista IHU On-Line, de 28-03-2011, intitulada *A energia nuclear em debate*, disponível em <http://bit.ly/s0HmPZ>. (Nota da IHU On-Line)

grandes atravessando países, a fim de sensibilizar as pessoas. Realizam acampamentos durante os encontros (*meetings*). Na França há dois partidos cujo decrescimento é sua bandeira fundamental, mas sua representatividade é ínfima. Não podemos impedir isso, e irmos contra a criação de tais iniciativas. Haverá, sempre, alguém que se motive a fazer tais ações. Tentamos aprofundar a reflexão sobre o decrescimento através da revista *Entropia* (www.entropia-la-revue.org).

IHU On-Line - Apostando que o decrescimento depende de uma construção de sujeitos diversos, e que o neoliberalismo, o desenvolvimento infinito lembra uma antropologia egoísta, qual seriam as antropologias que dariam base a uma sociedade do decrescimento?

Serge Latouche - O importante da lógica da sociedade do decrescimento é que, efetivamente, saímos da antropologia do *homo economicus* e vamos cair naturalmente na antropologia com a tradição de Marcel Mauss⁵, na lógica do vínculo social fundado sobre a tripla obrigação de dar, receber e devolver. Nesse ponto de vista, o movimento de decrescimento se encontra em continuidade com o pensamento de Mauss, um movimento antiutilitarista nas ciências sociais, que está bem representado no Brasil no Recife por Paulo Henrique Martins⁶.

⁵ Marcel Mauss (1872-1950): sociólogo e antropólogo francês, refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, leia a entrevista de Alain Caillé publicada na IHU On-Line, n.º 96, de 12-04-2004, a propósito da publicação do livro *História Argumentada da Filosofia Moral e Política*, disponível para download em <http://migre.me/s99D>. O pensamento de Mauss foi o tema da palestra *A economia do dom e a visão de Marcel Mauss*, realizada pelo Prof. Dr. Paulo Henrique Martins (UFPE), na programação do evento Alternativas para outra economia, em 10-10-2006. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Paulo Henrique Martins é graduado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em Sociologia pela Universidade de Paris. Atualmente, é professor titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, onde também é pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Na edição de n.º 199 da revista IHU On-Line, publicada em 09-10-2006 sob o título *Os desafios da diversidade sexual*, Martins concedeu a entrevista *O dom de Marcel*

IHU On-Line - O que é uma sociedade convivial? A partir de Ivan Illich, qual é a relação entre convivialidade e felicidade?

Serge Latouche - Illich não intitulou seu livro sociedade convivial, mas convivialidade. Começou definindo o que ele chamava de instrumento convivial, oposto à técnica heteronômica que nos expropria de nossa capacidade de gerir nossa vida e que não podemos administrar, como é o caso das usinas atômicas ou da junção de autoestradas, que não são nunca coisas conviviais. Pelo contrário, uma bicicleta é algo convivial porque podemos consertá-la, ela não precisa de combustível, mas só do movimento gerado pelas pessoas. A bicicleta tem autonomia. As técnicas conviviais são inventadas não pela vontade de poder, mas por uma forma de amor para tornar mais fácil a vida dos outros, como a máquina de costurar, por exemplo.

Ivan Illich escolheu o termo de convivialidade porque Aristóteles disse que a sociedade descansa sobre a *philia*, a amizade. Para os gregos esse é um sentimento muito forte e nós não o conhecemos mais. Esse vínculo de amizade aludido por Aristóteles e também Platão pressupunha que entre amigos tudo é em comum. Ocorre que hoje, entre nossos amigos, as coisas não são mais comuns. Vivemos numa sociedade que, a partir da modernidade, iniciou uma revolução individualista. Damos mais importância à vida privada do que à vida comum. O outro não é tão importante. Ao menos estamos bem conscientes de que o mercado não cria vínculos sociais. Trata-se de uma sociedade individualista fundada sobre o mercado que é quase um oxímoro, um paradoxo.

Ele tenta encontrar o que poderia substituir a *philia* num contexto moderno. Então ele teve essa ideia de convivialidade. Seria de alguma maneira uma *philia* de um grão inferior. Poderíamos definir a convivialidade como simpatia no sentido forte do termo, ou a empatia, ou para dizer de outro modo, podemos falar no termo de George Orwell⁷, **sociedade decente.**

Mauss. O conteúdo está disponível em <http://bit.ly/syXRQ6> (Nota da IHU On-Line)

⁷ Eric Arthur Blair (1903-1950), mais conhecido pelo pseudônimo George Orwell: escritor

Uma sociedade decente é uma sociedade que não humilha seus membros. Especialmente as pessoas do povo têm essa mentalidade, que Orwell chama de decência comum. Espontaneamente há coisas que essas pessoas não fazem. Basta lembrar do período de guerras, quando pessoas comuns tomaram atitudes extraordinárias e que salvaram vidas. Isso é decência comum. Uma sociedade onde isso não existe mais não é uma sociedade, e sim uma selva.

IHU On-Line - Considerando o cenário de crise financeira e econômica, muitos estudiosos falam na crise do capitalismo. O senhor concorda que o capitalismo está em crise e corre o risco de acabar, dando lugar a um sistema alternativo?

Serge Latouche - Sempre se diz que os jesuítas respondem uma pergunta com outra. Então, pergunto: o que é mesmo o capitalismo? A questão fundamental é que o capitalismo, como dizia Max Weber⁸, é primeiro de tudo, um espírito. Sair do capitalismo não se trata de fazer uma revolução e tomar os palácios, mas, antes de tudo, sair do seu espírito. Isso é uma coisa que não

e jornalista inglês. Sua obra é marcada por uma inteligência perspicaz e bem-humorada, uma consciência profunda das injustiças sociais, uma intensa oposição ao totalitarismo e uma paixão pela clareza da escrita. Apontado como simpatizante da proposta anarquista, o escritor faz uma defesa da auto-gestão ou autotomismo. A sua crença no socialismo democrático foi abalada pelo "socialismo real" que ele denunciou em *Animal Farm*. Considerado talvez o melhor cronista da cultura inglesa do século XX, Orwell se dedicou a escrever ficção, artigos jornalísticos polêmicos, crítica literária e poesia. Ele é mais conhecido pelo romance distópico *Nineteen Eighty-Four* e pela novela satírica *Animal Farm* (publicado no Brasil como *A revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007). (Nota da IHU On-Line)

⁸ Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* n.º 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

se pode decidir assim, tão facilmente. Estou convencido de que o capitalismo sempre esteve em crise. O dia em que entramos no capitalismo, data que é impossível de precisar, começamos também a sair dele. Um dia teremos saído dele e não teremos percebido.

IHU On-Line - Quais suas expectativas para a Rio + 20? Que temas não podem deixar de ser discutidos? Quais as prioridades?

Serge Latouche - Os temas importantes são sempre os mesmos: o desregulamento climático, o fim do uso do petróleo, a destruição da biodiversidade, as enfermidades geradas pela poluição- O decrescimento, contudo, nunca entra na pauta, mas é fundamental, porque impacta em todos os setores da sociedade, como agricultura, indústria, a tecnociência e a ciência.

IHU On-Line - O senhor menciona convergências e divergência em relação ao resgate do conceito de economia civil, principalmente na Itália. Essa economia civil fala, inclusive, em civilizar o mercado, de bens relacionais. Poderia falar um pouco mais sobre essa ideia?

Serge Latouche - Há muitas convergências a partir da crítica à lógica da economia do mercado e da economia tal como ela se configurou. A divergência é, sobretudo, pelo fato que os adeptos dessa economia civil pensam que, de algum jeito, podemos voltar às origens da economia política, e não particularmente a Adam Smith⁹,

⁹ Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, preferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/xQmm>. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do Cadernos IHU Ideias, de 21-07-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download

mas a antes, na Escola do Iluminismo Napolitana. Penso que na época da economia civil napolitana isso era importante, mas evoluiu na economia liberal inglesa. Penso que agora precisamos ultrapassar essa economia e pensar seriamente em sair dela. Isso é a principal divergência na medida em que isso lhes leva a assumir uma posição muito reformista. Eles querem desenvolver uma economia solidária, ética, que são coisas muito boas mas incompatíveis com a lógica do mercado. Nós favorecemos essa ética mas na ótica de não abolir somente, mas de reduzir o espírito do mercado. O que tem que ser abolido é o mercado como um todo. Voltando à escola italiana, menciono Stefano Bartolini, da Universidade de Siena. Ele escreveu um livro muito interessante chamado *Manifesto da felicidade* que segue totalmente a linha do decrescimento, diferente do que outros autores, como Zamagni¹⁰, por exemplo.

IHU On-Line - No Brasil existe o termo economia de baixo carbono. Nesse contexto surgem ideias de Georgescu Roegen. Que convergências e divergências há entre tais ideias e o decres-

em <http://migre.me/xQnc>. Smith foi o tópico número 1 do Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009, estudado de 13-04-2009 a 02-05-2009. O Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, em seu primeiro módulo, falou sobre *Adam Smith: filósofo e economista*. Em sua edição 2011, esse evento contou com a palestra do Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo, em 29-08-2011, com o tema *Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Stefano Zamagni: economista italiano, é professor da Universidade de Bolonha, na Itália, e vicediretor da sede italiana da Johns Hopkins University. Leia no site www.ihu.unisinos.br os Cadernos IHU Ideias número 159 (A ética católica e o espírito do capitalismo); número 157 (Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento); e número 155 (Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica), todos de autoria de Stefano Zamagni. A IHU On-Line também já entrevistou Zamagni em duas oportunidades. Confira: "Eficiência e justiça não bastam para assegurar a felicidade: o valor do princípio do dom na economia", entrevista publicada na edição número 360 da Revista IHU On-Line, de 09-05-2011, disponível em <http://migre.me/4lliU>; e "Reciprocidade, fraternidade, justiça: uma revolução da concepção de economia", entrevista publicada na edição número 364 da Revista IHU On-Line, de 06-06-2011, disponível em <http://bit.ly/ku0lv0> (Nota da IHU On-Line)

cimento?

Serge Latouche - Não conheço essa ideia. O que se fala é em economia pós-carbono. Então, penso que... não penso. De fato a utilização desse termo provém de Georgescu¹¹. Por coincidência, um discípulo seu, Jacques Grinevald, seu assistente, fez conhecer na França seu trabalho e conseguiu publicar lá obras suas como *O decrescimento*. Creio que a primeira edição é de 1995. Ele não utiliza o termo "decrescimento", mas "declining". Contudo, ele disse que o decrescimento correspondia exatamente ao seu pensamento. Porém, é verdade que Georgescu Roegen não considerava a ideia de sair da economia, como eu.

IHU On-Line - Que método de pesquisa utiliza como pesquisador? Que pesquisas têm conduzido agora?

Serge Latouche - Antigamente consagrei-me à epistemologia através de meu primeiro livro, *Epistemologia e economia*, de 1973, um grosso volume que não se encontra mais. Parti do freudo-marxismo e cheguei a uma posição mais crítica, mais perto do marxismo que do freudismo. Depois lancei o *Processo da ciência social* e me ocupei bem mais de Habermas e dos conceitos da Escola de Frankfurt, a teoria crítica, além de Umberto Eco com a crítica da linguagem e *A estrutura ausente*. Minha caminhada foi uma crítica da economia política e de acesso ao real através da crítica do discurso.

IHU On-Line - Tem alguma sugestão de pesquisas que poderiam ser trabalhadas no Brasil?

Serge Latouche - A ideia de construir um futuro sustentável para o Brasil é um tema muito importante a ser trabalhado. Não podemos dissociar os problemas ecológicos dos problemas sociais.

¹¹ Nicholas Georgescu-Roegen (1906-1994): matemático e economista heterodoxo romeno cujos trabalhos resultaram no conceito de decrescimento econômico. É considerado como o fundador da bioeconomia (ou economia ecológica). (Nota da IHU On-Line)

René Girard e o desejo mimético: as raízes da violência humana

Conceito é fundamental para compreender a obra do pensador francês, analisa João Cezar de Castro Rocha. Tradução das obras para o português está sendo feita pela É Realizações

POR MÁRCIA JUNGES

A primeira intuição de René Girard é o caráter mimético do desejo humano. “Sua teoria é uma explicação do comportamento e da cultura humana”. De acordo com o historiador João Cezar de Castro Rocha, “o caráter mimético do desejo é a causa primordial da violência humana, ou seja, em princípio, a violência surge como uma derivação não calculada do caráter mimético do desejo”. Há uma coincidência entre o sujeito antropofágico oswaldiano e o mimético girardiano, “pois idêntica divisa poderia defini-los ‘Só me interessa o que não é meu’”. As declarações fazem parte da entrevista concedida por e-mail pelo coordenador da Biblioteca René Girard. João Cezar analisa o desejo triangular girardiano explicando que não desejamos a partir de nós mesmos. “Pelo contrário, aprendemos a desejar através dos olhos de modelos que consciente ou inconscientemente adotamos. Somos todos autênticos personagens shakespearianos que sempre se apaixonam a partir da sugestão de outros”. A respeito da Biblioteca René Girard, publicada pela É Realizações, João Cezar explica que a iniciativa é um convite para que o leitor venha a escrever seus próprios livros acerca da teoria mimética.

Graduado em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, João Cezar é mestre e doutor em Letras pela mesma instituição. Na Universidade de Stanford, Estados Unidos, cursou Literatura Comparada. É pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim. É professor associado de Literatura Comparada da UERJ e escreveu inúmeros livros, dos quais destacamos *Literatura e cordialidade. O público e o privado na cultura brasileira* (Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998) e *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* (Chapecó: Argos, 2011). Com René Girard e Pierpaolo Antonello escreveu *Evolution and Conversion: Dialogues on the Origins of Culture* (London: Continuum Books, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os aspectos que tornam a obra de René Girard¹ tão atual e importante?

João Cezar de Castro Rocha - Talvez a melhor forma de responder à pergunta seja pensar na análise proposta por René Girard de um problema tão atual quanto os distúrbios alimentares.

Ora, a perspectiva aberta pela teoria mimética permite uma leitura

¹ René Girard (1923): filósofo e antropólogo francês. Partiu para os Estados Unidos para dar aulas de francês. De suas obras, destacamos *La Violence et le Sacré (A Violência e o sagrado)*, *Des Choses Cachées depuis la Fondation du Monde (Das coisas escondidas desde a fundação do mundo)*, *Le Bouc Émissaire (O Bode expiatório)*, 1982. Todos esses livros foram publicados pela Editora Bernard Grasset de Paris. Ganhou o Grande Prêmio de Filosofia da Academia Francesa, em 1996, e o Prêmio Médicis, em 1990. O seu livro mais conhecido em português é *A violência e o sagrado* (São Paulo: Perspectiva, 1973). Sobre o tema desejo e violência, confira a edição 298 da revista IHU On-Line, de 22-06-2009, disponível em <http://bit.ly/doOmak>. (Nota da IHU On-Line)

única desse problema. Aqui, anorexia e bulimia compõem uma nova tela de Edward Munch², num grito de angústia diante de situações definidas pela estrutura do duplo vínculo, estudada por Gregory Bateson.³ Situações de duplo vínculo (*double bind*) são marcadas por uma ambiguidade desagregadora da estabilidade emocional, pois implicam a enunciação de dois comandos contraditórios. Nos termos da teoria mimética, o mundo contemporâneo faz do duplo vínculo sua própria razão de ser.

Por exemplo, a propaganda oferece modelos que devem ser imitados. Con-

² Edvard Munch (1863-1944): pintor norueguês, um dos precursores do expressionismo alemão. Sua obra mais famosa é *O grito*. (Nota da IHU On-Line)

³ Gregory Bateson. *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine Books, 1972. A Editora É publicará em breve o livro de Bateson. (Nota do entrevistado)

tudo, ao mesmo tempo, valoriza-se a busca da eterna fonte da inovação, cuja lógica seria a de *nunca imitar*. Como reza o refrão popular: *Just be yourself*. Sem dúvida, “seja apenas você mesmo”; aliás, como todos os demais também o são, tornando-se sempre mais semelhantes, sobretudo quando se empenham em ressaltar suas diferenças. Ora, as jovens anoréxicas encontram um modelo “natural” nas inúmeras modelos que dominam as páginas das revistas de moda e os programas de televisão. Como imitar-lhes a não ser pela autoimposição de um regime alimentar draconiano? No entanto, como manter-se saudável e praticar exercícios, outro dogma do mundo contemporâneo, sem alimentar-se adequadamente? Como equilibrar as duas exigências, não apenas contraditórias, mas mutuamente excludentes?

Talvez, como muitas jovens declaram com naturalidade, seguir constantemente um regime alimentar rígido, a fim de evitar a necessidade de dietas *mais rigorosas...*

Anoréxicos e bulímicos

Fiel à complexidade de sua teoria, em lugar de identificar uma origem específica para os distúrbios alimentares - seja um núcleo familiar problemático, seja a escalada da rivalidade mimética ocasionada pela proliferação de modelos midiáticos -, Girard propõe uma hipótese perturbadora: “A maior parte de nós oscila, durante a vida, entre formas atenuadas dessas duas patologias”. Portanto, somos todos, ainda que inconscientemente, um pouco anoréxicos e um tanto bulímicos.

Eis um exemplo claro da atualidade da teoria mimética. Por exemplo, o filme *Cisne Negro*, cuja protagonista transitava com perturbadora tranquilidade da privação constante ao excesso eventual, como se esses polos opostos fossem apenas estações de um trem desgovernado pelo desejo mimético, possui muitos outros aspectos que podem ser iluminados pela teoria mimética. Penso na rivalidade exacerbada no meio artístico, a proliferação de duplos miméticos, o desejo metafísico, as alucinações da protagonista e, no final, a resolução sacrificial que não é bem-sucedida.

IHU On-Line - Quais são as características fundamentais, as grandes linhas que norteiam os escritos desse pensador?

João Cezar de Castro Rocha - René Girard afirma, de maneira bastante confiante, que sua teoria é *uma explicação do comportamento humano e da cultura humana*. Esse talvez seja o ponto inicial mais importante. Para o pensador francês, a teoria mimética é uma explicação do comportamento humano. Mais do que apenas uma hipótese, portanto, a teoria mimética pretende fornecer uma explicação completa do comportamento humano e mesmo do surgimento da cultura.

Aproveito para esclarecer uma questão decisiva; na verdade, proponho um pacto de leitura para o leitor da “Biblioteca René Girard”: aceitar o poder explicativo da teoria mimética como forma

“Contudo, para realmente dialogar com o pensamento girardiano, é preciso confiar no poder explicativo da teoria mimética, a fim de compreender seus desdobramentos”

inicial de abordar a obra de René Girard. O que não quer dizer que não se possa discordar aqui e ali, ou mesmo buscar refutar sua tese. Contudo, para realmente dialogar com o pensamento girardiano, é preciso confiar no poder explicativo da teoria mimética, a fim de compreender seus desdobramentos.

Tal poder tem como base a inter-relação de três intuições fundamentais. A teoria mimética desenvolveu-se a partir da publicação de três livros, que podemos chamar de “livros-evento”, porque sua publicação produziu um grande impacto na forma de compreender, respectivamente, a crítica literária, a antropologia e os estudos bíblicos. Para evitar repetições, nas próximas respostas mencionarei essas intuições fundamentais.

IHU On-Line - A publicação de suas obras em português cobre uma lacuna em nosso país?

João Cezar de Castro Rocha - Não exatamente uma lacuna, pois obras-chave de René Girard já haviam sido traduzidas. Contudo, um projeto tão abrangente e completo ainda não se havia feito - nem mesmo fora do Brasil, vale a pena ressaltar. Aqui, o mérito maior pertence ao editor Edson Manoel de Oliveira Filho, pela coragem de lançar um projeto tão ambicioso.

Afinal, cada livro conta com uma cronologia que não se pretende exaustiva da vida e da obra de René Girard. Com o mesmo propósito, compilamos uma bibliografia sintética do pensador

francês, privilegiando os livros publicados. Por isso, não mencionamos a grande quantidade de ensaios e capítulos de livro que escreveu, assim como de entrevistas que concedeu. Para o leitor interessado numa relação completa de sua vasta produção, recomendamos o banco de dados organizado pela Universidade de Innsbruck: <http://www.uibk.ac.at/rgkw/mimdok/suche/index.html.en>.

De igual forma, selecionamos livros e ensaios dedicados, direta ou indiretamente, à obra de René Girard, incluindo os títulos que sairão na *Biblioteca René Girard*. Nosso objetivo é estimular o convívio reflexivo com a teoria mimética. Ao mesmo tempo, desejamos propor uma coleção cujo aparato crítico estimule novas pesquisas. Em outras palavras, o projeto da *Biblioteca René Girard* é também um convite para que o leitor venha a escrever seus próprios livros acerca da teoria mimética.

IHU On-Line - Qual é o maior desafio em organizar a coleção René Girard?
João Cezar de Castro Rocha - Propor o diálogo ativo com a obra de um pensador fundamental. Desse modo, cumpre-se um dos propósitos mais importantes da Biblioteca, qual seja, estimular os leitores a desenvolver suas próprias reflexões.

Em segundo lugar, como disse acima, destaque-se outro objetivo da Biblioteca: não somente divulgar o pensamento girardiano, tampouco apenas pensar mimeticamente a circunstância latino-americana, como se uma teoria pudesse ser reduzida ao papel monótono de uma caixa de ferramentas conceitual, “útil” porque “aplicável” em contextos diversos. Trata-se, pelo contrário, de dar os primeiros passos para o futuro desenvolvimento de uma contribuição latino-americana radicalmente mimética à teoria de René Girard.

Por fim, a abordagem crítica é importante porque permite que se enfrentem as ressalvas usuais acerca do pensamento girardiano, pois, sem dúvida, o percurso intelectual do autor francês desafia dois dogmas aparentemente incontestáveis das ciências humanas hoje em dia.

Ideia de Deus

Outro desafio diz respeito às convicções religiosas do pensador francês. Excessivamente religioso para o mundo acadêmico contemporâneo e, ao mesmo tempo, excessivamente acadêmico para o universo religioso tradicional, René Girard permanece isolado na radicalidade de sua reflexão acerca da cultura humana.

Contudo, não se trata de construir uma falsa imagem de isolamento e ostracismo, pois, é forçoso reconhecê-lo, René Girard nunca deixou de relacionar sua reflexão à religião cristã, mesmo à Igreja Católica. Vale dizer, não seria intelectualmente honesto subtrair a dimensão religiosa da teoria mimética - fazê-lo seria falsear a obra girardiana. O próprio pensador sempre o soube e nem por isso alterou o rumo de sua investigação filosófica.

Contudo, a teoria mimética também possui um potencial analítico que não se reduz à dimensão religiosa. Em suma, a “Biblioteca René Girard” pretende ampliar o universo de leitores da teoria mimética. Eis, então, o paradoxo produtivo gerado pela leitura de René Girard: estudá-lo a partir de uma posição laica não necessariamente afasta o leitor ateu do pensador cristão, mas, pelo contrário, pode abrir uma via inesperada para esclarecer a força da teoria mimética no século XXI. Tudo se passa como se um flagrante da inteligência-relâmpago de Oswald de Andrade⁴ finalmente adquirisse plena visibilidade: “É preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar à ideia de Deus.”⁵

IHU On-Line - O que é o desejo mimético e qual é a atualidade dessa proposição?

João Cezar de Castro Rocha - A intuição fundadora refere-se ao desejo mimético, ou, como René Girard posteriormente diria, à rivalidade mimética. Há uma diferença sutil entre os

4 José Oswald de Sousa Andrade (1890-1954): escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro. Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro. Foi considerado pela crítica como o elemento mais rebelde do grupo. (Nota da IHU On-Line)

5 Oswald de Andrade. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2ª ed., 1995, p. 50. (Nota do entrevistado)

“Não importa a natureza do objeto: se desejamos o mesmo objeto, encontramos-nos numa zona sombria, na qual a violência pode sempre ser o passo seguinte”

dois conceitos, mas, como veremos, o desejo mimético tende a gerar rivalidades.

Eis, então, a primeira intuição: o desejo humano é fundamentalmente mimético. Posso dizê-lo de maneira ainda mais clara: o desejo humano é fundamentalmente imitativo. Vale dizer, eu não desejo a partir de uma subjetividade autocentrada e autotélica - uma subjetividade que impõe suas próprias regras -, mas, muito pelo contrário, desejo a partir de um outro, que tomo como modelo para determinar meu próprio objeto de desejo.

A primeira intuição de René Girard, portanto, é o caráter mimético do desejo humano. Como se trata de conceito-chave, vale a pena reiterar: eu não desejo independentemente do grupo social no qual me encontro. O meu desejo é derivado do desejo de outros, ou de outro que adoto como modelo. Essa intuição, em princípio, não é absolutamente original, pois já havia sido mencionada por filósofos desde Platão e Aristóteles. De qualquer modo, não chega a constituir um problema grave que a elaboração da teoria mimética pouco tenha a ver com a busca da originalidade absoluta. Aliás, adiante, destacarei o diálogo de Girard com diversos pensadores na formulação de sua obra. Porém, desde o primeiro livro de René Girard, *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque*,⁶ publicado em 1961, a noção de

6 René Girard. *Mensonge Romantique et Vérité Romanesque*. Paris: Grasset, 1961. Edição brasileira: *Mentira Romântica e Verdade Ro-*

desejo mimético possui consequências que, essas sim, são originais.

Eis a consequência-chave: o caráter mimético do desejo é a causa primordial da violência humana, ou seja, em princípio, a violência surge como uma derivação não calculada do caráter mimético do desejo. René Girard propõe que, se eu adoto um modelo para a constituição do meu próprio desejo, num primeiro momento esse fato “naturalmente” me aproxima do modelo, pois estabeleço com ele uma relação de discípulo e mestre. Porém, num segundo momento, e de igual modo “naturalmente”, o mesmo fato tende a tornar o antigo modelo um futuro rival. Afinal, se desejo de acordo com o desejo de um modelo, isso quer dizer que necessariamente desejaremos o mesmo objeto - seja um objeto físico, simples, do cotidiano; seja um objeto mais complexo, um sentimento; seja um objeto metafísico, o desejo de ser como o meu modelo. Não importa a natureza do objeto: se desejamos o mesmo objeto, encontramos-nos numa zona sombria, na qual a violência pode sempre ser o passo seguinte. É aqui que se encontra o aspecto realmente original da contribuição girardiana para a compreensão da mimesis. A mimesis, ou seja, o impulso imitativo, possui potencialmente um caráter de aquisição. A partir do momento em que desejo o mesmo desejo de um modelo, em algum momento buscarei apropriar-me do seu objeto. Desse caráter aquisitivo, emerge a violência nas relações humanas.

IHU On-Line - Em que sentido o mimetismo e a violência humana fundam o sentimento religioso arcaico? O mesmo vale para nossos dias?

João Cezar de Castro Rocha - A segunda intuição do pensamento girardiano é derivada da compreensão de que a vingança ou o ressentimento são formas propriamente humanas de formalizar a violência potencial do desejo mimético. Portanto, trata-se de dar conta do caráter coletivo do desejo mimético. Compreende-se, assim, a segunda intuição básica do pensamento girardiano: o mecanismo do bode expiatório. Ora, para efeito didático, defini o desejo mimético como sendo uma relação do sujeito com seu

manesca. Trad. Lília Ledon da Silva. São Paulo: Editora É, 2011. (Nota do entrevistado)

modelo. Na verdade, esse tipo de relação sempre ocorre num grupo social, ela é sempre coletiva. Se, num primeiro momento, a rivalidade afeta o sujeito e seu modelo, ou seja, se a relação é sobretudo individual e, portanto, as consequências são necessariamente limitadas, num segundo momento, essas relações começam a se disseminar, porque o desejo mimético é, em si mesmo, mimético. Então, a violência não pode senão disseminar-se, contagiando todo o grupo.

A escalada da violência do desejo mimético faz com que em algum momento a sociedade esteja ameaçada de desagregação, em virtude da proliferação de rivalidades e conflitos. Imaginemos, agora, que tais rivalidades e conflitos ainda não possuem nenhuma forma de controle institucional. Ora, era essa a situação dos primeiros grupos de hominídeos, antes mesmo da emergência da cultura. Logo, o grupo social pode desintegrar-se pela multiplicação de conflitos localizados.

Espiral de violência mimética

A hipótese do mecanismo do bode expiatório foi desenvolvida inicialmente para propor uma compreensão inovadora do surgimento da cultura humana. Por isso, é importante reiterar a referência a grupos que ainda não possuem uma forma institucional de controle da violência, ou seja, grupos de hominídeos que ainda não possuem Estado, não têm religião formalizada, estão apenas dominados pelo desejo mimético, que escala e não pode senão tornar-se cada vez mais e mais violento. Há um instante em que o grupo social pode literalmente desagregar-se pelo aumento da violência endogâmica, ou seja, da violência puramente interna, porque ainda não existe um mecanismo externo de controle da violência. Quando isso ocorre, como uma resposta à escalada da violência provocada pelo contágio do desejo mimético, surge um mecanismo, cuja descrição constitui a segunda intuição básica apresentada no segundo livro do pensador, *La Violence et le Sacré*,⁷ publicado em 1972.

⁷ René Girard. *La Violence et le Sacré*. Paris: Grasset, 1972. Edição brasileira: *A Violência e o Sagrado*. Trad. Martha Gambini. 3° ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Nota do entrevista-

Recapitulemos: a crise foi provocada pelo caráter mimético do desejo e, ao mesmo tempo, a crise foi resolvida pelo caráter mimético do desejo. Ora, mas o caráter mimético do desejo é o que caracteriza o propriamente humano. Em outras palavras, depois da resolução da primeira crise, uma segunda crise necessariamente surgirá, porque o desejo continuará sendo mimético. Logo, outra crise de violência provocada pelo desejo mimético necessariamente retornará. Portanto, há uma espiral de violência mimética que não se pode evitar facilmente.

Daí, a importância da pergunta: qual a garantia de que, num segundo momento de crise absoluta o mesmo grupo encontrará aleatoriamente, pela segunda vez, um bode expiatório?

Essa é a questão-chave da teoria mimética. O mecanismo do bode expiatório torna-se mais eficiente quando deixa de ser puramente arbitrário, ou seja, quando deixa de ser aleatório, no sentido em que se pode ou não voltar a encontrá-lo no momento de crise. O mecanismo do bode expiatório torna-se um mecanismo propriamente civilizador - e isso no sentido forte do termo, ou seja, torna-se um mecanismo que propicia o aparecimento da cultura humana - no momento em que deixa de ser fruto do acaso, e, pelo contrário, conhece um primeiro nível de formalização.

É preciso, portanto, formalizar o mecanismo de controle da violência para que a cultura humana tenha base sólida, progressivamente formalizada em grupos de hominídeos capazes de manter a inevitável violência mimética sob controle. Assim, segundo René Girard, o umbral entre os grupos de hominídeos e o surgimento do que chamamos cultura pôde ser ultrapassado.

A formalização do mecanismo do bode expiatório implica a centralidade do fenômeno religioso na constituição da cultura. A terceira intuição básica da teoria mimética procura precisamente refletir sobre a centralidade do religioso, compreendido a partir de um ponto de vista antropológico. Nas próximas respostas, tratarei da terceira intuição fundamental.

tado)

IHU On-Line - Constitutiva do ser humano, como a violência pode ser controlada? A partir dessa concepção, como se dá o diálogo da obra de Girard com os tempos em que vivemos?

João Cezar de Castro Rocha - Trataremos do último grande livro de René Girard, a fim de responder à pergunta: *Rematar Clausewitz*. Ora, *rematar* Clausewitz obriga Girard a *rematar* sua própria obra, concentrando-se nas vicissitudes do mundo contemporâneo. Tal contribuição já seria suficiente para aquilatar a importância deste livro.

A novidade de *Rematar Clausewitz* não se refere apenas à atenção consagrada ao mundo moderno e contemporâneo, isto é, ao universo da “mediação interna”, portanto, de uma circunstância histórica dominada por conflitos. Em seu primeiro livro, *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961), Girard já havia trabalhado com esse período, estudando o romance europeu do século XVIII ao século XX.

Compreende-se, então, de modo ainda mais claro como *Rematar Clausewitz* pode ser lido como o *remate* da própria teoria mimética, pois, neste livro, Girard, com a contribuição de Benoît Chantre, ata as pontas de sua vasta e complexa obra. E bem ao contrário de célebre personagem de Machado de Assis⁸, Girard realiza a tarefa com inegável êxito. Ao mesmo tempo, uma diferença decisiva se insinua entre os dois livros - e destacar essa diferença esclarece a for-

⁸ Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Rio de Janeiro: Ediouro, 1995), *Dom Casmurro* (Erechim: Edelbra, 1997), *Quincas Borba* (15. ed. São Paulo: Atica, 1998) e vários livros de contos, entre eles a obra-prima *O Alienista* (32. ed. São Paulo: Ática, 1999), que discute a loucura. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Foi o fundador da Academia Brasileira de Letras. Confira a entrevista especial realizada pela IHU On-Line com Mailde Tripoli, em 20-04-2007, no link <http://migre.me/qR3n>, intitulada *O negro na obra de Machado de Assis*. Sobre o escritor, foram produzidas duas edições especiais: edição 262, de 16-06-2008, sob o título de *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://migre.me/qR47>, e edição número 275, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, de 29-09-2008, disponível em <http://migre.me/qR4B>. (Nota da IHU On-Line)

ça do pensar girardiano.

Em *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* a resposta à violência engendrada pelos desdobramentos do desejo mimético consistia num gesto de caráter pessoal: a conversão romanesca. Em vocabulário mimético, o conflito interindividual era resolvido no mesmo plano, implicando uma transformação pessoal: “É uma vitória sobre o desejo metafísico que faz de um escritor romântico um verdadeiro romancista”.

Já em *Rematar Clausewitz* tudo se torna muito mais complexo. Não se dispõe mais de uma resposta interindividual à questão da violência, pois, agora, o problema possui dimensão planetária - o contágio mimético, por assim dizer, disseminou-se para além do controle possível de uma decisão pessoal.

Nas circunstâncias contemporâneas, a “conversão” como método geral não parece possível porque converter-se significa aceitar os limites da “mediação externa”, renunciando ao propósito de apoderar-se do objeto de desejo do modelo. Ora, num mundo dominado pela “mediação interna”, tal opção se encontra cada dia mais distante.

Talvez por isso Girard tenha desenvolvido o que se pode denominar uma “imaginação apocalíptica”. Tal é o sentido forte da afirmação de outro modo surpreendente: “Essa escalada para o apocalipse é a realização superior da humanidade”.

Radicalidade do pensamento

Entenda-se a perspectiva corajosa do pensador: apocalipse, aqui, remete à etimologia: do latim tardio *apocalypsis*, é derivado do grego *apokalúpsis* e descreve o “ato de descobrir, descoberta; revelação”. No caso, a ascensão da violência em escala planetária *revela* inequivocamente a encruzilhada a que a humanidade chegou. Trata-se de promover a própria extinção ou aprender a lidar com o conflito que constitui a fábrica do humano - mimeticamente concebido. O apocalipse, então, pode significar tanto o descontrole completo da violência, quanto a esperança de uma via realmente nova de convivência, com base no reconhecimento recíproco do mimetismo que a todos contagia. Na radicalidade tí-

**“A ascensão da
violência em
escala planetária
revela
inequivocamente a
encruzilhada a que a
humanidade chegou.
Trata-se de promover
a própria extinção ou
aprender a lidar com o
conflito que constitui
a fábrica do humano
- mimeticamente
concebido”**

pica de seu pensamento, Girard assim situou o problema:

Não podemos fugir ao mimetismo senão pela compreensão de suas leis. É só o entendimento dos riscos da imitação que nos permite cogitar uma verdadeira identificação com o outro. Mas tomamos consciência desse primado da relação moral no momento mesmo em que se conclui a atomização dos indivíduos, em que a intensidade e a imprevisibilidade da violência já aumentaram.

Vale dizer, no *remate* de sua obra, Girard não procurou oferecer uma resposta cômoda; pelo contrário, lançou os dados numa aposta cujo resultado final é imprevisível e pode muito bem, como no lance mallarmaico, depender do acaso.

IHU On-Line - Qual é o sentido do sacrifício hoje?

João Cezar de Castro Rocha - A originalidade da abordagem de René Girard se nutre de sua concepção do mundo moderno, tal como explicitada em *Achever Clausewitz*. Na ótica do pensador francês, o mundo moderno, especialmente a partir da Revolução Francesa, caracteriza-se por uma circunstância inédita na

história da humanidade: há mais de duzentos anos vivemos num mundo dominado pela mediação interna, vale dizer, pela onipresença de estruturas de duplo vínculo.

Ora, *grosso modo*, o universo da mediação externa, mesmo em função da distância social e simbólica que havia entre sujeitos e modelos, impunha uma hierarquia cuja rigidez deveria manter sob controle a possibilidade de conflitos e, portanto, a explosão de crises de violência. Já o universo da mediação interna, pelo contrário, com base no ideal de igualitarismo revolucionário, estimula a multiplicação de rivalidades mimeticamente engendradas: se todos são potencialmente iguais, como evitar a contaminação recíproca de seus desejos? Ocorre, então, uma escalada mimética, cuja violência não pode senão aumentar na proliferação de rivais disputando os mesmos objetos e almejando as mesmas posições, uma vez que as hierarquias e as proibições são suprimidas.

O célebre conto de Rubem Fonseca⁹, “O cobrador”, trata precisamente desse tema. O protagonista decide obter pela força todos os bens e confortos dos quais foi sistematicamente privado em sua vida, embora a propaganda tenha estimulado seu desejo mimético de todos os modos. Sem condições de ir ao dentista, pois não pode arcar com os custos do tratamento, o cobrador decide reagir: “‘Eu não pago mais nada, cansei de pagar!’, gritei para ele, agora eu só cobro!’ Dei um tiro no joelho dele”.¹⁰ Ele começa então a “cobrar” com violência crescente tudo que lhe foi prometido e, ao mesmo tempo, recusado, no sistema de duplo vínculo típico das sociedades contemporâneas. Aliás, o mundo atual, adverte Girard, produz “cobrado-

⁹ Rubem Fonseca (1925): escritor e roteirista de cinema brasileiro. Suas obras geralmente retratam a luxúria e a violência urbana, em um mundo onde marginais, assassinos, prostitutas, delegados e pobres-coitados se misturam. A história através da ficção é também uma marca de Rubem Fonseca, como nos romances *Agosto* (Rio de Janeiro: Record, 1995), em que retrata a vida de Getúlio Vargas, e em *O Selvagem da Ópera* (São Paulo: Companhia das Letras, 1994), em que fala sobre a vida de Carlos Gomes. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ Rubem Fonseca. “O cobrador.” *O cobrador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 14. O livro foi originalmente publicado em 1979. (Nota do entrevistado)

res” em escala planetária. O problema é ainda mais grave, pois, hoje em dia, o sacrifício não mais produz sagrado, apenas reproduz a violência mimeticamente engendrada.

IHU On-Line - Em que sentido a obra de Girard desafia o conceito de desejo freudiano?

João Cezar de Castro Rocha - Começo a resposta esclarecendo a ideia-chave do mecanismo do bode expiatório, pois aí se encontra o diálogo mais intenso com a obra de Sigmund Freud¹¹.

Com a publicação de *A Violência e o Sagrado* (1972), o pensador francês propôs uma hipótese ousada acerca da origem da cultura humana. Dada a natureza mimética do desejo, os homens tendem a desejar os mesmos objetos. O conflito então se torna inevitável, pois disputaremos a posse daqueles objetos. Sua generalização - recorde-se que a hipótese busca entender o momento imediatamente anterior à emergência da cultura - levaria o grupo à desagregação, se uma forma de controle da violência não fosse desenvolvida.

Através da leitura comparativa de mitos e textos literários, René Girard propôs que a violência de todos contra todos somente é apaziguada quando se metamorfoseia em violência de todos contra um único membro do grupo. Trata-se do *mecanismo do bode expiatório que permitiu disciplinar a violência primordial*. Os ritos e mitos

11 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da IHU On-Line, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://migre.me/s8jc>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://migre.me/s8jf>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://migre.me/s8ju>. (Nota da IHU On-Line)

originários seriam assim formas culturais de elaboração do mecanismo matriz da cultura humana. Por isso, a violência e o sagrado são inseparáveis.

A hipótese gerou muitas controvérsias. E quando René Girard precisou defender a “unidade de todos os ritos”, ou seja, a origem comum dos ritos no mecanismo do bode expiatório, ele recorreu ao canibalismo tupinambá como evidência de sua teoria. Mais uma vez, Oswald e Girard encontram-se inesperadamente. E como veremos, encontra-se aí um “triângulo especulativo” com a inserção de Sigmund Freud.

Em 1978, com a publicação de *Cosas ocultas desde a fundação do mundo*, Girard rematou a arquitetura de seu pensamento através de uma dupla articulação.

De um lado, a combinação da etnologia com a etologia: sem reducionismos, tampouco exclusivismos, a emergência da cultura humana é vista no contexto das sociedades animais, mas sempre ressalvada a força do simbólico em nossa constituição.

De outro, a leitura antropológica das Escrituras judaico-cristãs: Girard defende que os episódios bíblicos devem ser lidos como uma reflexão autenticamente antropológica acerca do elo indissolúvel entre o sagrado e a violência. O pensador francês sustenta que nas Escrituras há uma denúncia da violência do mecanismo do bode expiatório, o que implica adotar uma atitude ética de defesa da vítima - eis a terceira intuição-chave da teoria mimética.

Daí a natureza estrutural do diálogo na obra girardiana: a interlocução assegura a centralidade do outro na formulação do próprio pensamento. E não me refiro exclusivamente ao ato mesmo de conceder inúmeras entrevistas, ou de participar de longos diálogos, transformados em livros - ambos os gestos são frequentes na produção do pensador francês. Penso no hábito polêmico, definidor do estilo intelectual girardiano, como uma forma propriamente dialógica, essencial ao conteúdo de sua teoria.

Sujeito mimético e sujeito antropofágico

Nesse sentido, o que Girard diz acerca do criador da psicanálise reveste-se de relevância particular: “(...) Freud passou muito perto do esquema mimético, o que me incomodou bastante no ponto de partida do meu trabalho, fez-me perder bastante tempo, uma vez que eu via a ambiguidade da minha relação com Freud”. É como se, através das inúmeras polêmicas em que se engajou, Girard estivesse colocando em prática o pressuposto da centralidade do outro na definição da identidade. Afinal, não é verdade que o debate de ideias é um modo oblíquo de admiração?

O sujeito mimético, portanto, coincide com o sujeito antropofágico oswaldiano, pois idêntica divisa poderia defini-los “Só me interessa o que não é meu”.¹² Isto é, até transformar o alheio em próprio, e transformá-lo a tal ponto que as fronteiras entre o eu e o outro se confundem. No fundo, e cada um a seu modo, Oswald de Andrade e René Girard assimilaram criativamente a lição freudiana. A partir da leitura especialmente de *Totem e Tabu* (1913), o pensador e poeta brasileiro inverteu os termos da equação, descobrindo “a transformação permanente do Tabu em totem”.¹³ O crítico literário e pensador francês superou a angústia da influência através da “força da explicação do desejo mimético mesmo em campos especificamente freudianos, como a psicopatologia”. Ou seja, em alguma medida, metamorfoseando o alemão no francês.

Oswald e Girard, então, sabem que é sempre a partir do outro que se define uma identidade, cuja precariedade pode ser vivida como abertura precisa à contribuição milionária da alteridade. No centro do sujeito mimético, portanto, encontra-se a multiplicação de outros, ou seja, de inúmeros modelos adotados na definição do desejo. Em outras palavras, há um novo caminho de pesquisa a ser trilhado no cruzamento inesperado entre René Girard, Sigmund Freud e Oswald de Andrade.

12 Oswald de Andrade. “Manifesto Antropofágico”. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Editora Globo, 1990, p. 47. A afirmação completa diz: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”. Nesse sentido, vale a pena recordar a importância do canibalismo na reflexão girardiana em *A Violência e o Sagrado* e em *Evolução e Conversão* (2008). (Nota do entrevistado)

13 *Idem*, p. 48. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - De que forma Girard analisa Deus como uma “invenção”? O que essa constatação demonstra sobre o sagrado e as projeções humanas?

João Cezar de Castro Rocha - “Deus é uma invenção?”, eis uma pergunta à qual respondo sem hesitar:

“Não”.

Assim, *in media res* (ou, dependendo da perspectiva, devidamente *ab ovo*) René Girard principia seu ensaio neste livro pela conclusão. E o faz de modo deliberadamente polêmico. A resposta lhana oferecida por Girard à pergunta-título deste livro é sintomática dos “olhos livres” com os quais construiu sua obra. O método utilizado para sustentar uma réplica tão confiante é o mesmo que fundou os alicerces da teoria mimética: um método comparativo de base textual.

Eis o alfa do pensamento girardiano. Egresso da École des Chartes, com formação de paleógrafo, e primeira inserção profissional na área dos estudos literários, Girard é essencialmente um leitor agudo de textos. Porém, e mais uma vez, como aliás é próprio de seu estilo intelectual, ele se revela um leitor na contramão das correntes dominantes, tanto na teoria da literatura quanto nas humanidades em geral. Ora, a concentração girardiana na leitura minuciosa de textos não o conduziu a uma hermenêutica asséptica, na qual textos somente se relacionam com textos, no jogo infinito de uma intertextualidade onívora e onipresente - autofágica, podemos dizer com lentes bem-humoradas.

Pelo contrário, o apuro na leitura de textos oriundos de autores distintos, culturas díspares e épocas históricas distantes entre si apenas reforçou o que deve ser considerado como o motivo determinante do “realismo girardiano”, definidor da epistemologia mimética.

O realismo girardiano parte do princípio da existência (necessária) de um referente externo ao texto. Segundo Girard, esse elemento confere inteligibilidade à miríade de textos disponíveis nas mais diversas tradições, na exata proporção em que se identifica um motivo recorrente ou uma estrutura comum em textos de procedências as mais variadas e, sobretudo, sem que seja razoável (ou

mesmo possível) supor o conhecimento de uma única fonte textual, origem incontestável de todas as variações posteriores. Ora, a hipótese difusionista jamais alcançou real importância precisamente pela impossibilidade de demonstrar a existência do texto-origem ou da instituição-fonte. Nesse caso, uma pergunta metodológica se impõe: como entender a presença sistemática de motivos comuns ou de uma estrutura recorrente? Pode-se, agora, ler com olhos livres a justificativa girardiana (e posso eu completar a citação com a qual principiei este texto):

“Deus é uma invenção?”, eis uma pergunta à qual respondo sem hesitar:

“Não”.

Entre as várias concepções de Deus nas sociedades arcaicas, por mais numerosas que sejam, há semelhanças demais para que a hipótese de uma pura “invenção” possa ter a menor chance de ser verdadeira.

Em geral, o leitor contemporâneo somente escuta nesse “não” rotundo uma profissão de fé incompatível com a investigação científica - e essa é a razão pela qual o pensamento girardiano enfrenta resistências quase intransponíveis num universo acadêmico majoritariamente secularizado. Para agravar a situação, o pensador francês nunca negou sua adesão incondicional à fé cristã; na verdade, em mais de uma ocasião, especialmente nos últimos livros, Girard considerou sua obra uma apologia do cristianismo. Escamotear tal dimensão seria falsear o pensamento de René Girard. Para tudo dizê-lo: seria um ato de desonestidade intelectual.

Contudo, e como o paradoxo e as estruturas de duplo vínculo (*double bind*) são o sal da teoria mimética, nada impede que se leia no mesmo “não”, sempre rotundo, a possibilidade de desenvolvimento de uma epistemologia laica, apta a dar conta das consequências radicais da hipótese mimética.

IHU On-Line - Por que Girard afirma que a autonomia é uma ilusão romântica? O que o pensador compreende por desejo triangular?

João Cezar de Castro Rocha - A in-

tuição inicial da teoria mimética diz respeito à *natureza triangular do desejo humano*. Isto é, não desejamos a partir de nós mesmos. Pelo contrário, aprendemos a desejar através dos olhos de modelos que consciente ou inconscientemente adotamos. Somos todos autênticos personagens shakespearianos que sempre se apaixonam a partir da sugestão de outros. Como no refrão da música popular, a teoria girardiana também afirma que não há dois sem três! Acreditar no caráter autocentrado do desejo constitui, pelo contrário, a ilusão romântica.

Aliás, a centralidade do outro na determinação da própria identidade é a consequência mais radical da concepção da subjetividade na teoria mimética. René Girard e Oswald de Andrade estão de acordo: “Só me interessa o que não é meu”. O sujeito mimético, portanto, é um perfeito antropófago.

LEIA MAIS...

Sobre a Biblioteca René Girard

A “Biblioteca René Girard” é um projeto da Editora É Realizações, em parceria com a Fundação Imitatio, que pretende promover o conhecimento da obra de René Girard, a fim de estimular o desenvolvimento de pesquisas sobre a teoria mimética. Para maiores detalhes, consulte-se o site oficial da Biblioteca René Girard: <http://www.erealizacoes.com.br/renegirard/>

Confira os títulos já lançados pela Biblioteca René Girard, da É Realizações, disponíveis em www.rene-girard.com.br. No mesmo site é possível ver quais serão os próximos lançamentos.

ANDRADE, Gabriel. René Girard: um retrato intelectual
ALISON, James. O pecado original à luz da ressurreição
DUPUY, Jean-Pierre. O tempo das catástrofes
GIRARD, René e CHANTRE, Benoit. Rematar Clausewitz
GIRARD, René. A conversão da arte
GIRARD, René. Anorexia e desejo mimético
GIRARD, René. Dostoiévski: do duplo à unidade
GIRARD, René. O sacrifício
GIRARD, René; SERRES, Michel. O trágico e a piedade
GIRARD, René; ANTONELLO, Pierpaolo; CASTRO ROCHA, João Cezar de. Evolução e conversão
GIRARD, René. Quando começarem a acontecer essas coisas
GIRARD, René. Deus: uma invenção?
GROTE, Jim e MCGEENEY, John. Espertos como serpentes
JOHNSON, William A. Violência e modernismo: Ibsen, Joyce e Woolf
MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. O Deus escondido da pós-modernidade

SIGA O IHU NO TWITTER: _IHU

Twitter / Início - Windows Internet Explorer

PT Português (Brasil) | Português (Brasil - ABNT2) | Twitter, Inc. [US] | Bing

Arquivo | Editar | Exibir | Favoritos | Ferramentas | Ajuda

Favoritos | Sites Sugeridos | HotMail gratuito | Galeria do Web Slice

Twitter / Início

twitter | Buscar

Início | Perfil | Mensagens | Quem Seguir

O que está acontecendo?

Histórico | @Mencões | Retweets | Buscas | Listas

liberation_info Libération
Quand le vol à l'étalage va, tout va? bit.ly/uicZpL
há 48 segundos

fattoquotidiano Il Fatto Quotidiano
P. Giustiniani, più tardi il video del Fatto.it delle dichiarazioni di Di Pietro (ldv) #oramonti #doposilvio
há 1 minuto

elcsbarragens ObservatórioBarragem
Entrevista com o Cacique Megaron após sua exoneração de cargo na FUNAI vimeo.com/31481414
há 1 minuto

Helena Helena Helena



Estereótipos preconceituosos: telenovelas estabelecem um modelo de tolerância de olho no mercado homossexual

POR JACQUELINE LIMA DOURADO*

Este texto aborda as narrativas sobre os novos pares estabelecidos em telenovelas da Rede Globo e a inserção da homoafecção como temática transversal em tais obras. Essa agenda surge no momento em que a intolerância tem sido divulgada de forma esporádica nos telejornais bem como o processo de reconhecimento da união estável para casais do mesmo sexo pelo Supremo Tribunal Federal - STF. O tema aqui tem a sua tessitura baseada na economia política da comunicação.

As recentes novelas exibidas pela Rede Globo como *Passione*, *Insensato Coração* e as atualmente veiculadas como *Aquele Beijo* (novela das sete) e *Fina Estampa* (novela das nove) trazem em comum a inserção sistemática de personagens homossexuais que tangenciam as tramas. Ao longo da década de 1970, vide *Rebu* (1974), até o final da primeira década deste século, a emissora apresentou ao longo de suas novelas tipos caricatos associados à homossexualidade. Além das características ora exacerbadas, ora plenamente obscuras, algumas vezes o autor, sob os mais diversos tipos de censura, viu-se obrigado

a “matar o gay” por conta da “moral” e dos “bons costumes”. Segundo Leandro Coling (Revista *Gênero*, vol. 8, n. 1) a Globo “em um primeiro momento, associou a homossexualidade com a criminalidade, depois preferiu os personagens estereotipados da ‘bicha louca’ e/ou afetados e afeminados”. Coling afirma ainda que, na contemporaneidade, os personagens homossexuais são colocados dentro de um modelo heteronormativo. Esse novo padrão de abordagem demonstra, segundo estudos recentes, que os gays das telenovelas colaboram para que parte da audiência veja como positivas as demandas da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros - LGBT.

É inegável que a Rede Globo, investe em trazer o debate sobre as relações homoafetivas, mas o faz pela noção de mercado. Além disso, reforça estereótipos sem estabelecer o debate, através da fácil identificação do entretenimento, sem qualquer compromisso com a alteração que pudesse se estabelecer, contrariando a “ingênua” visão de defesa dos direitos à homoafecção como Direito Fundamen-

* Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e professora do curso de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí - PPGCOM/UFPI, líder do grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Diversidade - COMUM/UFPI; é membro do Grupo Cepos e sócia ativa na Ulepícc. E-mail: jacdourado@uol.com.br.

tal. E usando a desculpa do horário das nove, no caso a novela Fina Estampa, libera o palavrão, a linguagem chula e personagens cada vez mais malvados.

O que se observa é que aos poucos a “tolerância” aos homossexuais tem sido cultivada por conta de direitos adquiridos a partir das lutas da comunidade de LGBT. Estes cidadãos, ao longo de muitos anos vêm sofrendo para sair dos guetos, vontade coletiva esta ratificada pela decisão do STF que reconheceu às uniões homoafetivas, desde maio do corrente ano, o status de entidade familiar.

Vale lembrar que esses mesmos cidadãos também são excelentes consumidores. A grande maioria dos casais não tem filhos, nem os gastos daí decorrentes: escola, babá, reforço escolar, plano de saúde, escolinha de esportes, etc. Vivem a vida com base em uma nova estrutura de família, onde o casal passa a ter condição de apreciar bons restaurantes, viagens, hotéis, dentre outros, com características de consumidores já identificadas como formadora de um novo mercado, nomeado por alguns, de forma pejorativa, como mercado cor-de-rosa.

Esse nicho econômico já foi descoberto por hotéis de luxo, gurmês, cruzeiros marítimos, grifes entre outros produtos dedicados a classe A (ou B endividando-se) e com um tipo de publicidade marcada por um discurso legitimador dessa condição. Essa publicidade, no entanto, mascara realidades porque impõe uma aparente aceitação própria do poder de compra numa contradição inerente ao capitalismo. Ou seja, quem pode consumir é “aceito” e aqueles que não

“Quem pode consumir é ‘aceito’ e aqueles que não podem ficam estabelecidos na periferia do consumo marcada pelos guetos e madrugadas. Porque nas grandes e pequenas cidades do país vale ainda a regra da homofobia”

podem ficar estabelecidos na periferia do consumo marcada pelos guetos e madrugadas. Porque nas grandes e pequenas cidades do país vale ainda a regra da homofobia.

Direitos humanos e cidadania ficam à margem quando esta demanda envolve relações de poder e forte estrutura de mercado que tem nas indústrias culturais o melhor exemplo disso: telenovelas, música, minisséries entre outros produtos exercem um papel econômico e simbólico determinante nesta modalidade econômica e são consumidos (pela recepção) por todas as classes sociais. As produções audiovisuais destinadas para a pirâmide social de forma transversal são cada vez mais contraditadas por pro-

duto culturais que remetem ao tema com linguagem, imagem e temática adequadas, demonstrando indicadores para uma aceitação da causa LGBT pelo mercado.

José Murilo de Carvalho, em sua obra *Cidadania no Brasil: um longo caminho afirma que*, diz que “se o direito de comprar um telefone celular, um tênis, um relógio da moda consegue silenciar ou prevenir, entre os excluídos, a militância política, o tradicional direito político, as perspectivas de avanço democrático se veem diminuídas”.

A rapidez das transformações econômicas do mercado instigando ao consumo distancia cada vez mais a população de seus direitos. Se, por um lado, o mercado muitas vezes defende um Estado mínimo, as diferenças sociais fazem com que haja a necessidade dessa intervenção.

Este passa ser mais um indício de fragilidade do modelo liberal. Carvalho afirma que não se refere à diminuição do papel do Estado, mas ao desenvolvimento da cultura do consumo entre a população, inclusive a mais excluída. Ainda falta uma proposta efetiva que propicie o debate com o objetivo de tornar pública e resgatar a voz dos homossexuais bem como as diferentes realidades, barreiras e oportunidades na sociedade. Falta ainda a interação com representantes da sociedade civil bem como do governo formado pelos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário em defesa dos direitos humanos, da diversidade e da construção da cidadania.

6^o Seminário de Pesquisa de CEPOS

“ECONOMIA POLÍTICA DAS INDÚSTRIAS CULTURAIS”

Dia 1º/12 - Escola de Design,
das 17h às 20h30, na Unisinos Porto Alegre

Dia 02/12 - Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros,
das 8h30 às 20h, na Unisinos São Leopoldo

Inscrição e informações: www.grupocepos.net | Carga horária: 13h30

ENTRADA FRANCA



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 21-11-2011 a 25-11-2011.

Rocinha: uma favela conveniente à classe média

Entrevista especial com José Cláudio Alves, professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Confira nas Notícias do Dia de 21-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/v4G3Rr>

“O Nem e esse aparato policial que faz essa operação ficcional geram um simbolismo que convence a população e faz com que a sociedade acredite que, de fato, a Rocinha será algo melhor e diferente. Não é isso que vai acontecer”, avalia o sociólogo.

O novo Código Florestal e o impacto na água

Entrevista com José Galizia Tundisi, professor titular aposentado da USP e professor titular do curso de Qualidade Ambiental, da Feevale

Confira nas Notícias do Dia de 22-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/rpZKNW>

Com a aprovação do novo Código Florestal, o Brasil perderá a oportunidade de criar condições de proteger a sua biodiversidade e de aumentar a capacidade de uso que dela se faz”, alerta o presidente do Instituto Internacional de Ecologia - IIE.

Petroleiros reivindicam segurança no trabalho

Entrevista com Anselmo Ruoso, diretor do Sindicato dos

Petroleiros do Paraná e Santa Catarina e secretário de relações internacionais do setor privado da Federação Única dos Petroleiros - FUP

Confira nas Notícias do Dia de 23-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/tVKNvg>

“Estamos vivendo hoje na Petrobras uma política de práticas antissindicais muito fortes”, declara o secretário de Relações Internacionais do setor privado da Federação Única dos Petroleiros - FUP.

“É preciso aliar a ousadia do desenvolvimento com a prudência da precaução”

O caso Chevron. Entrevista com David Zee, oceanógrafo

Confira nas Notícias do Dia de 24-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/rp2Bme>

“Jamais poderemos dizer que será possível zerar o risco porque a cada dia se avança mais na exploração de petróleo no fundo mar”, declara Zee.

Código Florestal: uma mensagem negativa

Entrevista com Jean Paul Metzger, biólogo, professor da USP, vice-presidente da International Association for Landscape Ecology - IALE

Confira nas Notícias do Dia de 25-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/stfw58>

“O relatório de Jorge Viana (PT-AC) é muito melhor do que o relatório de Aldo Rebelo (PCdoB-SP), mas está longe daquilo que é ideal”, declara o cientista.

Oficina sobre os dados censitários 2010 da Região do Vale do Sinos

Data: 1/12/2011

**Prof. MS Ademir Barbosa Koucher - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBGE**

Informações em www.ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Curso de Gestão e Políticas Culturais com inscrições abertas

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, por meio do grupo de pesquisa Comunicação, Economia Política e Sociedade - Cepos, pela Coordenação Cultural da Unisinos, pelo Itaú Cultural e pelo Instituto NT, está com inscrições abertas para participação no curso Gestão e Políticas Culturais, que será realizado entre os dias 5 e 9 de dezembro, com aulas entre 8h30 e 12h30 e das 14h às 18h (carga horária total de 40 horas), as quais ocorrerão no Instituto NT, na rua Marquês do Pombal, n. 1111, bairro Moinhos de Vento, Porto Alegre-RS. A Unisinos fornecerá certificados a todos os participantes. As inscrições podem ser feitas no endereço eletrônico www.grupocepos.net até o dia 4 de dezembro.

O curso é gratuito, sendo destinado a gestores de cultura das administrações municipais e estadual, artistas, produtores, professores, estudantes de graduação e de pós-graduação, representantes de museus, fundações e associações culturais. O programa reúne professores e pesquisadores reconhecidos no intuito de apresentar um panorama sobre tópicos diversos: políticas culturais, políticas públicas, sistemas de financiamento, direitos culturais, produção cultural, sustentabilidade, economia criativa, redes culturais e direito autoral. Em um primeiro momento, são oferecidas 50 vagas.

A atividade parte da constatação de que a cultura tem papel central nas mais diversas perspectivas de produção do conhecimento e de construção/reformulação das relações sociais. O princípio ético da diversidade e o imperativo de sua garantia, preocupação relevante em termos políticos, tende progressivamente a afirmar-se através de dinâmicas culturais. De forma semelhante, mecanismos individuais de afirmação voltam-se, de modo intenso, para o plano da cultura. Ao mesmo tempo, parece impossível negar, em termos econômicos, a importância estratégica das assim chamadas indústrias culturais na mediação das relações em curso na sociedade.

Assim sendo, compreender a organização da cultura se torna fundamental. Dele resulta que sua gestão exige, cada vez mais, competências específicas nos mais diversos segmentos. Logo, a formação de quadros profissionais com embasamento teórico e capacidade de intervenção mostra-se imprescindível. Tendo em vista tal cenário, o curso Gestão e Políticas Culturais tem busca apresentar

a agentes e gestores discussões que permitem lidar de modo satisfatório com as especificidades de uma atividade de complexa em sua dinâmica e em seus alcances.

Relação de professores que ministrarão aulas no curso

1. **Albino Rubim:** professor titular da UFBA e pesquisador 1A do CNPq. Secretário de Cultura da Bahia. Autor e/ou organizador de mais de 20 livros e autor de mais de 100 artigos acadêmicos em periódicos nacionais e internacionais.

2. **Ana Carla Fonseca Reis:** assessora em economia criativa para UNCTAD e PNUD. Sócia-diretora da Garimpo de Soluções Economia, Cultura & Desenvolvimento. Autora e/ou organizadora de oito livros sobre o tema.

3. **Cláudia Leitão:** secretária da Economia Criativa do Ministério da Cultura. Professora da UFCE. Autora e/ou organizadora de oito livros sobre o tema.

4. **José Márcio Barros:** professor da PUC Minas. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Autor e/ou organizador de quatro livros sobre o tema.

5. **Oona Castro:** pesquisadora do Instituto Overmundo. Integrante do Coletivo Intervezes.

6. **Paulo Miguez:** professor da UFBA e pesquisador do Instituto Multidisciplinar em Cultura (Cult). Secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura entre 2003-2005.

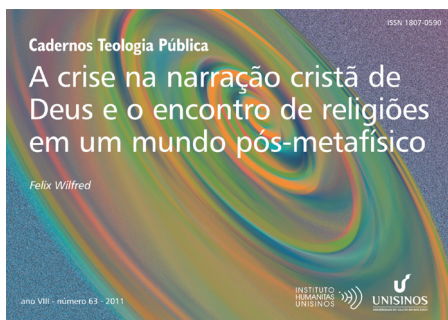
7. **Rômulo Avelar:** produtor e gestor cultural. Foi assessor especial da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais e presidente da comissão técnica de análise de projetos da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

8. **Silvana Rubino:** professora da Unicamp e membro da Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos.

Publicações do IHU

Acompanhe os últimos lançamentos das publicações do IHU:

Cadernos Teologia Pública



A 63ª edição dos Cadernos Teologia Pública conta com o artigo “A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico”, de

autoria de Felix Wilfred, teólogo indiano. Em seu texto, ele questiona: “no contexto da crise da concepção cristã de Deus, perguntamos: Até que ponto o diálogo e o intercâmbio inter-religiosos poderiam ajudar a superar essa crise?”. O download da publicação pode ser feito em <http://bit.ly/ul62AT>



Já a edição número 64 dos Cadernos Teologia Pública, traz o texto “Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea” de François Euvé. Neste artigo, o

autor, que é teólogo, físico, decano da Faculdade de Teologia do Centro de Sèvres de Paris e diretor da Cátedra Teilhard de Chardin, analisa as possíveis articulações entre a visão científica e as teologias naturais. A versão integral em formato PDF está disponível em <http://bit.ly/vPVsYK>

E os Cadernos Teologia Pública número 65 trazem o artigo “O livro de Deus na obra de Dante”, de autoria de Marco Lucchesi. Neste texto, o autor, professor associado da Faculdade de Letras da UFRJ e membro da Academia Brasileira de Letras, aborda o modelo teológico e os desafios da contemporaneidade. A partir de 21-12-2011 estará disponível no sítio www.ihu.unisinos.br a partir de uma versão integral do texto em formato PDF.

Para adquirir os exemplares impressos dos Cadernos Teologia Pública, basta ir até a Livraria Cultural da Unisinos ou solicitá-los através do endereço eletrônico hu-

manitas@unisinos.br.

Cadernos IHU Ideias

“Passemos para a outra margem’: da homofobia ao respeito à diversidade” de autoria de Omar Lucas Perroux Fortes de Sales, é o tema dos Cadernos IHU ideias número 158. No artigo, o autor, doutorando em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, alerta para a necessidade de se fazer presente em nossa sociedade a reflexão sobre as diferenças, sobretudo que sejam garantidas no que se refere ao respeito à dignidade das alteridades sexuais. Está disponível em <http://bit.ly/uoMrUx> a versão integral do texto em formato PDF.

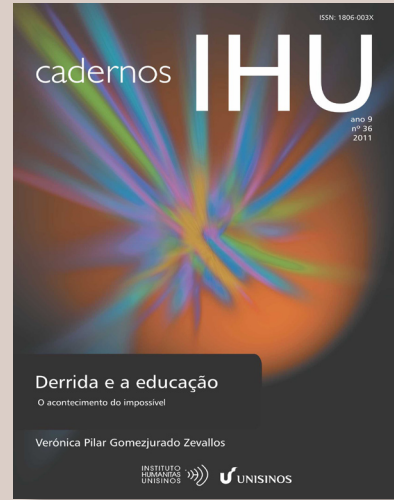
A edição número 159 de Cadernos IHU ideias traz o texto “A ética católica e o espírito do capitalismo”, de autoria do economista italiano e professor da Universidade de Bolonha, Stefano Zamagni. O próprio título se refere diretamente a um contraste à obra de Max Weber, A ética protestante e o espírito do capitalismo. Inspirado em uma reflexão do Papa João Paulo II sobre o mercado, Zamagni resgata historicamente a origem do mercado em seu sentido ético de bem comum. A partir de 05-12-2011 estará disponível no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) a versão integral do texto em formato PDF.



E o Cadernos IHU ideias, em sua 160ª edição, apresenta “O Slow Food e novos princípios para o mercado” de Eriberto Nascente Silveira. Neste texto o autor, que é doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, aponta o esforço do movimento Slow Food pela busca da sustentabilidade social e ambiental, colocando em xeque os atuais princípios de decisões assumidas pelo mercado, na medida em que tais decisões expõem a possibilidade de relações sustentáveis de produtos alimentares a uma constante inviabilidade. Uma versão integral do texto em formato PDF estará disponível no sítio www.ihu.unisinos.br a partir de 21-12-2011.

Todas as publicações do IHU estão disponíveis na Livraria Cultural da Unisinos ou através do endereço eletrônico humanitas@unisinos.br.

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Nélio Ott Junior

POR THAMIRIS MAGALHÃES | FOTO ARQUIVO PESSOAL

Motorista há quase seis anos na Unisinos, Nélio acredita ser uma pessoa calma, fechada e que, por isso, muitas vezes pode ser mal interpretada. “Só que depois que as pessoas me conhecem, mudam de opinião”, diz. Prestes a ser pai, Nélio já trabalhou como motorista no Exército e, nas horas vagas, é instrutor de autoescola. Conheça um pouco mais de sua história, em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line.

Origem - Nasci dia 13 de junho de 1979, em Ijuí-RS, região noroeste. Com cinco anos de idade, passei a morar em Novo Hamburgo com a minha família, que veio a trabalho. Desde então moro lá. Já tenho 32 anos e sou casado há seis. Minha mãe é falecida desde 2004 e meu pai mora bem perto de mim, com meu irmão que tem necessidades especiais. Minha mãe era doente; tinha atrofia muscular. Então, ela teve uma gravidez de risco. E depois que meu irmão nasceu fui eu quem cuidou dele praticamente. Ele tem 21 anos, mas mentalidade de um garoto de seis e é para mim quase um filho. Sempre que posso vou visitá-lo, brinco e todo dia converso com ele. Construí uma casa próximo à deles quando casei para poder ficar junto de meu irmão. Além dele, tenho uma irmã, que é casada e tem dois filhos.

Autodefinição - Sou uma pessoa calma. Às vezes, as pessoas me interpretam erroneamente porque sou fechado. Não sou muito de rir, mas isso é uma característica minha. Só que depois que as pessoas me conhecem, mudam de opinião. Ademais, sou alguém fácil de se fazer amizade.

Alegria - Minha esposa, Sandra, está grávida de oito meses. Dezembro próximo nascerá o nosso primeiro filho, Guilherme. Será nosso presentão de Natal. Ela fez dois semestres de Psicologia, mas

trancou por causa da gravidez. No entanto, pretende voltar. Atualmente é professora de trânsito.

Autoescola - Durante o período que estou trabalhando na Unisinos, sempre conciliei a Universidade com a autoescola. Desde 2005, nos horários vagos, sou instrutor.

Exército - Comecei na área burocrática, quase como um secretário. Foi quando houve a necessidade de formação de um motorista. E, como eu tinha a carteira de habilitação e era um dos poucos que tinha a documentação, acabei indo para o cargo. Fui condutor de caminhão e de viaturas leves. Depois disso, passei a ser o motorista do comandante. Fiquei o tempo máximo no quartel permitido para um temporário, que são sete anos. A partir do sétimo ano, para permanecer só com concurso público e foi quando saí de lá. Arrependo-me de não ter feito concurso para continuar.

Formação - Terminei o ensino médio; fiz um semestre de Direito na Unisinos, mas tranquei para continuar na autoescola no intuito de melhorar a renda familiar. No entanto, pretendo voltar porque gosto muito dessa área.

Lazer - Eu e minha esposa gostamos de ficar em casa. Além disso, gosto de assistir a filmes (ação). Te-



nho uma paixão que são os carros antigos, sempre que posso vamos aos encontros próximos e eventos desse tipo. Gostamos de passear em parques e tomar chimarrão. Agora, com nosso filho, vamos passear bastante. Também gosto de jogar futebol; pelo menos uma ou duas vezes por semana faço isso.

Sonho - Comprar um carro antigo, uma relíquia. Quem sabe me formar em Direito. Gostei muito da carreira militar. Então, nessa área do Direito, gostaria de me especializar em alguma coisa nesse sentido.

Religião - Sempre frequentei a Igreja Católica, mas já faz três anos que frequento uma igreja evangélica, *Encontros de Fé*, que tem filiais em vários lugares e cuja sede é em Porto Alegre. Estou gostando muito e pretendo me batizar nela.

Experiências - A Unisinos é um lugar muito bom de trabalhar. A cada dia temos experiência nova com passageiros diferentes, muitas vezes de outros lugares, que buscamos no aeroporto etc. Atendemos todos os setores da Unisinos. Como era motorista no quartel e depois instrutor de autoescola, sempre trabalhei na rua. Já estou acostumado. Não sei se conseguiria trabalhar num lugar fechado.

Economia Política das Indústrias Culturais

**01-12-2011 (5ª) - SALA SANTANDER (UNISINOS DESIGN)
- PORTO ALEGRE**

17H - ABERTURA.

AUTORIDADES ACADÊMICAS (INTERNAS E EXTERNAS).

17H30 - MESA 1: POLÍTICAS E SOCIEDADE.

EXPOSITOR: PROF. DR. VALÉRIO CRUZ BRITTO (UNISINOS).

EXPOSITOR: PROF. DR. CÉSAR BOLAÑO (UFS).

EXPOSITOR: PROF. DR. ENRIQUE BUSTAMANTE (UCM - ESPANHA).

MEDIADOR: PROF. DR. ALSONES BALESTRIN (UNISINOS).

20H00 - EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS AUDIOVISUAIS DO GRUPO.

20H30 - ENCERRAMENTO.

02-12-2011 (5ª) - SALA IGNACIO ELLACURÍA E COMPANHEIROS - IHU (CAMPUS PRINCIPAL UNISINOS) - SÃO LEOPOLDO

08H30 - MESA 2: INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.

EXPOSITOR: PROF. DR. SÉRGIO AUGUSTO SOARES MATTOS (UFRB).

EXPOSITOR: PROF. DR. FRANCISCO UTRAY DELGADO (UC3M - ESPANHA).

EXPOSITORA: PROFA. DRA. PATRICIA CORREDOR LANAR (UFRC - ESPANHA).

EXPOSITOR: PROF. DR. JOÃO MARTINS LADEIRA (UNISINOS).

MEDIADOR: PROF. DR. RUDIMAR BALDISSERA (UFRGS).

10H30 - EXPOSIÇÃO DE LIVROS DO GRUPO (INTERVALO).

10H45 - MESA 3: TELEDRAMATURGIA E CONTEÚDOS.

EXPOSITORA: PROFA. DRA. SANDRA REIMÃO (USP).

EXPOSITORA: PROFA. DRA. JACQUELINE DOURADO (UFPI).

EXPOSITOR: PROF. MS. ANDRES KALIKOSKE (UNISINOS); ESP. NAIÁ GIUDICE (UNISINOS).

MEDIADOR: PROFA. DRA. VENEZA RONSINI (UFSM).

12H15 - ALMOÇO.

14H00 - MESA 4. AUDIOVISUAL E REGULAMENTAÇÃO.

EXPOSITOR: PROF. MS. LUCIANO CORREIA DOS SANTOS (UFS).

EXPOSITOR: MSTO. LUCIANO GALLAS (UNISINOS).

EXPOSITORA: PROFA. MS. CARINE FELKL PREVEDELLO (SEC. EST. PLANEJAMENTO RS).

MEDIADOR: PROF. DR. GUSTAVO FISCHER (UNISINOS).

15H30 - MESA 5: DIGITALIZAÇÃO E ESTRATÉGIAS.

EXPOSITOR: PROF. DR. JOÃO MIGUEL (UEM - MOÇAMBIQUE).

EXPOSITORA: PROFA. MS. ROSANA VIEIRA (UNISINOS).

EXPOSITORES: PROF. MS. ALEXON GABRIEL JOÃO (UNISINOS); ESP. GIOVANNA FERREIRA ALVARENGA (UNISINOS).

MEDIADOR: PROF. DR. EDUARDO PELLANDA (PUCRS).

17H00 - EXPOSIÇÃO DE TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS DO GRUPO (INTERVALO).

17H15 - MESA 6. ALTERNATIVAS E CIDADANIA.

EXPOSITORAS: PROFA. DRA. NADIA HELENA SCHNEIDER (SEC. MUN. EDUCAÇÃO DOIS IRMÃOS); PROFA. MS. PAOLA MADEIRA NAZÁRIO (UNISINOS).

EXPOSITORA: LUIZA CARRAVETTA (UNISINOS).

EXPOSITOR: MSTO. EDUARDO MENEZES (UNISINOS); RAFAEL CAVALCANTI BARRETO (FITS).

EXPOSITORES: PROF. DR. BRUNO LIMA ROCHA BEAKLINI (UNISINOS); MSTO. ANDERSON DAVID GOMES DOS SANTOS (UNISINOS).

MEDIADORA: PROFA. DRA. EDLA EGGERT (UNISINOS).

19H15 - ENCERRAMENTO (AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO).

PROF. DR. VALÉRIO CRUZ BRITTO (UNISINOS).

PROF. DR. ENRIQUE BUSTAMANTE (UCM) - ESPANHA.

TODOS OS PARTICIPANTES.

20H00 - FINAL.

APOIO: FUNDAÇÃO FORD

INFORMAÇÕES

GRUPO CEPÓS: 35911100 - R1356

HTTP://WWW.GRUPOCEPOS.NET/

Informações

O quê: 6º Seminário de Pesquisa Cepos:

Economia Política das Indústrias Culturais

Quando: De 1º de dezembro de 2011, das 17h00 às 20h30h, a 2 de dezembro de 2011, das 8h30 às 20h00

Onde: Sala Santander, campus Porto Alegre
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros/IHU,
campus São Leopoldo

Quanto: Gratuito.

Inscrições: De forma online, no endereço
www.grupocepos.net.

Apoio:

